



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**A IMPRENSA BRASILEIRA E OS ATLETAS COM
DEFICIÊNCIA NOS JOGOS PARALÍMPICOS**

THIAGO MINETE CARDOZO

RIO DE JANEIRO

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**A IMPRENSA BRASILEIRA E OS ATLETAS COM
DEFICIÊNCIA NOS JOGOS PARALÍMPICOS**

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social/ Jornalismo.

THIAGO MINETE CARDOZO

Orientador: Prof. Dr. Fernando Ewerton Fernandez Júnior

RIO DE JANEIRO

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **A imprensa brasileira e os atletas com deficiência nos Jogos Paralímpicos**, elaborada por Thiago Minete Cardozo.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Fernando Ewerton Fernandez Júnior
Doutor em Ciência da Informação pelo IBICT/Escola de Comunicação - UFRJ
Departamento de Expressão e Linguagens - Escola de Comunicação - UFRJ

Prof. Dr. Fernando Antônio Mansur Barbosa
Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação UFRJ
Departamento de Expressão e Linguagens – UFRJ

Profa. Dra. Leonor Werneck dos Santos
Doutora em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa) pela Faculdade de Letras - UFRJ
Departamento de Letras Vernáculas - UFRJ

RIO DE JANEIRO

2015

FICHA CATALOGRÁFICA

CARDOZO, Thiago Minete.

A imprensa brasileira e os atletas com deficiência nos Jogos
Paralímpicos

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) –
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação
– ECO.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Ewerton Fernandez Júnior

CARDOZO, Thiago Minete. A imprensa brasileira e os atletas com deficiência nos Jogos Paralímpicos. Orientador: Fernando Ewerton Fernandez Júnior. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

RESUMO

Esta pesquisa se dedica a investigar a importância da mídia no dia a dia das pessoas com deficiência e de que forma os atletas dos Jogos Paralímpicos Londres 2012 foram representados na imprensa brasileira durante o evento (29 de agosto a 9 de setembro de 2012). Para isso, o estudo traz um breve histórico da relação mídia e paradesporto no Brasil e inclui uma estruturação teórica sobre os Jogos Paralímpicos e seus reflexos em nossa sociedade. Traz como ponto central a análise dos guias de tratamento e abordagem dos atletas com deficiência publicados pelos Comitês Paralímpicos do Brasil e da Grã-Bretanha. Quais termos utilizar e quais evitar para se referir a atletas com deficiência? Como cumprimentar um atleta com amputação dos membros superiores na hora da entrevista? O jornalista deve oferecer ajuda a atletas cadeirantes? Estas e outras situações, cada vez mais comuns para os profissionais de comunicação de todo o país com a proximidade dos Jogos Paralímpicos Rio 2016, são temas abordadas pelos guias – e de análise deste trabalho.

A todos os atletas com deficiência,
pela inspiração cotidiana,
e a todos os profissionais de comunicação
que acreditam ter nas mãos
a oportunidade de fazer a diferença.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Rita Helena, ao meu pai, José Fábio, e ao meu irmão, Leonardo, por serem meus exemplos, os pilares da minha vida.

A toda a minha família, por ser sempre a minha base e meu refúgio.

Ao Gustavo, pela imensa ajuda com a formatação e, principalmente, por ser alguém com quem sempre poderei contar.

Ao Felipe e à Vanessa, pela amizade sincera e pelas risadas que tornaram toda a jornada muito mais agradável.

À Thais, à Katryn e ao André, pelas dicas, pelo apoio e pelo incentivo.

À Raquel e à Irene, por toda a ajuda e também toda a pressão necessária para que o trabalho saísse.

Ao Fernando, pela disponibilidade, apoio e orientação durante todo o processo deste trabalho, antes mesmo de seu início.

À Leonor e ao Mansur, por terem marcado diferentes momentos desta graduação – e por estarem ao meu lado no momento da conclusão.

A todos os professores desta trajetória, pelos ensinamentos que vão muito além o conteúdo acadêmico.

A cada um dos amigos que fizeram de 2011.2 um período marcante para a história da Eco, pelos momentos inesquecíveis que proporcionaram.

A todos os amigos do vôlei, minha família carioca, pelo companheirismo e por me ensinarem o que é, de fato, um trabalho em equipe.

A todos os colegas da faculdade, que de alguma forma partilham comigo o mesmo sonho.

A todos os amigos do trabalho, pelo suporte, apoio, compreensão e por tornarem o cotidiano muito mais divertido.

Aos amigos capixabas, por nunca terem se esquecido de mim.

Aos amigos cariocas, por nunca terem se esquecido de mim.

Ao Rio e à Vitória, meus lares.

À PV, por ser minha segunda casa.

À Eco, uma faculdade incomparável, onde aprendi muito mais que apenas Comunicação Social.

A todas as pessoas, com as quais convivi ou não, que me ajudaram de alguma forma a chegar até aqui.

Índice

1. Introdução	1
2. Os Jogos Olímpicos e Paralímpicos na sociedade do espetáculo	4
3. Mídia e paradesporto no Brasil	9
3.1. Breve histórico do paradesporto na mídia brasileira	11
3.1.1. Sydney 2000: O despertar do interesse da mídia brasileira pelo paradesporto	12
3.1.2. Atenas 2004: um divisor de águas na cobertura brasileira dos Jogos Paralímpicos	13
3.1.3. Parapan Rio 2007: a chance de ouro para o paradesporto brasileiro	14
3.1.4. Pequim 2008: o público brasileiro se acostuma com os Jogos Paralímpicos.....	16
3.1.5. Londres 2012: um grande marco para a relação mídia-paradesporto do Brasil.....	17
3.1.6. Rio 2016: em casa, o interesse será ainda maior.....	18
3.2. A importância da mídia para as pessoas com deficiência.....	19
3.3. Os desafios no tratamento e na abordagem dos atletas com deficiência na mídia	23
3.4. Por que um guia é necessário	27
4. Os guias.....	30
4.1. Método e análise dos guias para a imprensa publicados pelo BPA e pelo CPB.....	38
4.2. Apresentação e discussão dos resultados da aplicação do guia do CPB na <i>Folha de São Paulo</i>	41
4.3. Apresentação e discussão dos resultados da aplicação do guia do CPB no <i>Globo</i>	44
4.4. A preparação para os Jogos Rio 2016	48
5. Considerações finais.....	51

1. INTRODUÇÃO

De que forma os meios de comunicação influenciam no comportamento da sociedade? Embora esta pergunta seja um dos principais pontos de discussão da comunicação social desde sempre, as respostas são diversas e dependem de inúmeros fatores – são, portanto, inexatas, variáveis. O que se pode afirmar, sem dúvida, é que a mídia interfere, direta ou indiretamente, na forma de:

Conhecer, pensar e agir do público, influencia os modos de conhecer e interpretar a realidade, nas concepções e aspirações, nos hábitos e comportamentos, nas orientações e princípios que inspiram as formas de relacionamento e de intervenção na vida social (CORREIA apud HILGEMBERG, 2013).

Ao noticiar um fato, portanto, mais do que simplesmente reproduzir a notícia, a mídia produz sentido, sugestionando a maneira de pensar das audiências.

A mídia lida com produção, reprodução e disseminação da compreensão que temos acerca dos mais variados grupos da sociedade – é uma peça-chave na divulgação e criação de representações sociais. Ela se torna, desta forma, um espaço de luta para reconhecimento e causa de grupos minoritários. Diante deste panorama, não é difícil perceber a importância dos veículos de comunicação para as pessoas com deficiência. Muitas vezes, a pouca informação e o pequeno contato que se tem sobre a deficiência são adquiridos por meio da mídia. É a partir do que vemos nos veículos midiáticos que ditamos o nosso pensamento sobre as pessoas com deficiência, adotamos determinado comportamento frente a elas e formamos os estereótipos associados a essa questão.

O esporte carrega consigo um grande potencial de transformação, sobretudo pessoal e social – por isso, afirma-se cada vez mais como um dos principais meios de melhoria de qualidade de vida das pessoas com deficiência. O paradesporto permite unir pessoas com e sem deficiência, desconstruir estereótipos, adquirir novos conhecimentos, reconstruir concepções. Embora esteja inegavelmente associado a questões comerciais, a essência esportiva, que envolve valores como superação, respeito, disciplina e excelência, é uma poderosa ferramenta de educação e inclusão social, inclusive no que diz respeito a pessoas com deficiência.

Em todo o mundo, os Jogos Paralímpicos assumiram-se como o expoente máximo do paradesporto e dos ideais de igualdade e amizade. Por representar, de quatro em quatro anos, o único momento em que o paradesporto disputa espaço midiático de

igual para igual com o esporte para pessoas sem deficiência entende-se a importância que os Jogos Paralímpicos podem assumir para as pessoas com deficiência.

É preciso, portanto, saber aproveitar o momento dos Jogos Paralímpicos da melhor maneira possível para a causa das pessoas com deficiência, mas com a responsabilidade e a sensibilidade necessárias ao tema: mais importante que aparecer na mídia é a forma de aparecer. Justamente por ser retratado muito esporadicamente pelos veículos midiáticos fora dos períodos de Jogos Paralímpicos, o paradesporto pode receber um tratamento tanto prejudicial como benéfico às pessoas com deficiência durante o megaevento. Por exemplo, o uso de certos termos, muito difundidos e aparentemente inocentes, pode reforçar preconceitos. Ou ainda, o foco inadequado de algumas matérias veiculadas durante este período, voltadas para as deficiências dos atletas, e não para seus resultados esportivos, retrata os personagens de maneira inconveniente.

Os jornalistas podem enfrentar inúmeras dificuldades durante a cobertura dos Jogos Paralímpicos. Por isso, com o objetivo de que o conteúdo publicado pela mídia seja positivo para o paradesporto e para os atletas com deficiência, alguns órgãos oficiais destinam à imprensa um guia que traz dicas e orientações não só sobre a linguagem a ser utilizada para se referir ao paradesporto, como também sobre qual deve ser a conduta dos jornalistas frente às pessoas com os diversos tipos de deficiência (física, visual, intelectual). Foram os casos dos Comitês Paralímpicos Brasileiro e Britânico, que, com ciência da complexidade do paradesporto e das muitas dúvidas que o tema pode suscitar, divulgaram durante os Jogos Londres 2012 suas próprias dicas, orientando a imprensa sobre como o paradesporto deveria ser retratado.

Que termos devem ser utilizados ou evitados para se referir aos atletas dos Jogos Paralímpicos? Como cumprimentar uma pessoa biamputada dos braços? Deve-se oferecer ou não ajuda a um atleta cadeirante durante a entrevista? Como se comportar diante de uma atleta com deficiência intelectual na hora da entrevista? Essas e outras perguntas são temas abordados pelos guias supracitados, os quais este trabalho se propõe a analisar, bem como a avaliar se dois dos maiores jornais do país – *O Globo* e *Folha de São Paulo*, ambos com correspondentes em Londres durante os Jogos Paralímpicos de 2012 – publicaram suas matérias seguindo ou não as dicas divulgadas pelo Comitê Paralímpico Brasileiro¹.

¹ Em 2011, o Comitê Paralímpico Brasileiro formalizou a mudança de seu nome para Comitê Paralímpico Brasileiro. A justificativa para a supressão do *o* foi adequar-se ao padrão internacional de

Estas e outras análises serão demonstradas nos quatro capítulos a seguir deste trabalho. O segundo capítulo se propõe a mostrar como os Jogos Olímpicos e Paralímpicos estão estruturados em nossa sociedade e como isso se reflete no nosso dia a dia. Mais adiante, o capítulo três traz uma breve historiografia da relação da mídia brasileira com os Jogos Paralímpicos e discorre sobre os desafios encontrados pelos jornalistas na cobertura do paradesporto. Descreve também a importância que a mídia pode assumir para as pessoas com deficiência, introduzindo o capítulo quatro: uma análise dos guias de imprensa dos Comitês Paralímpicos Britânico e Brasileiro e de sua aplicabilidade nos jornais *O Globo* e *Folha de São Paulo* no período dos Jogos Paralímpicos Londres 2012. Ao final, a pesquisa traça um panorama sobre a preparação da mídia brasileira para os Jogos Paralímpicos Rio 2016.

Além de toda a importância social que carrega, a escolha pelo tema deste trabalho também teve motivação pessoal. Como fã de esportes, não demorei a descobrir os Jogos Paralímpicos. Notei, porém, que era uma exceção – a maior parte da população não tem qualquer contato com o paradesporto. Ainda assim, constatei que o tempo para se apaixonar pelo esporte adaptado costuma ser inversamente proporcional ao que normalmente se leva para conhecê-lo. O impacto que os Jogos Paralímpicos causam nos espectadores é quase instantâneo e inspirador. Hoje, como funcionário do Comitê Rio 2016, sinto-me com uma oportunidade nas mãos. Podemos e devemos aproveitar este momento no país e deixar uma contribuição para as pessoas com deficiência e para o paradesporto brasileiro.

O tema está cada vez mais presente em nosso cotidiano à medida que se aproximam os Jogos Rio 2016. A poucos meses da realização dos Jogos Paralímpicos no Rio de Janeiro (de 7 a 18 de setembro de 2016), o objetivo é saber se o esforço empregado pelos órgãos oficiais em elaborar um guia destinado à imprensa produz ou não o resultado esperado – e de que forma esse resultado pode influenciar no dia a dia das pessoas com deficiência.

nomenclatura e aproximar-se do termo utilizado em idiomas como o inglês (*paralympics*), o espanhol (*paralímpico*) e o francês (*paralympique*). O nome do megaevento esportivo para pessoas com deficiência acompanhou a mudança e passou a ser, para o CPB, Jogos *Paralímpicos*. Segundo o Comitê, o Brasil foi o último país da língua portuguesa a se adequar a este padrão.

2. OS JOGOS OLÍMPICOS E PARALÍMPICOS NA SOCIEDADE DO ESPETÁCULO

Estamos vivenciando a década do esporte no Brasil, inaugurada com os Jogos Pan e Parapan-Americanos Rio 2007, consolidada pela Copa do Mundo de futebol de 2014 e que culminará em 2016 com os Jogos Olímpicos e Paralímpicos. A realização desses grandes eventos tem suscitado muitas opiniões divergentes a respeito da sua coerência com a realidade brasileira. Independentemente do apoio ou não aos eventos, uma coisa é certa e indubitável: cada um deles é *espetacular* (DEBORD, 2003).

Em síntese, megaeventos apresentam grandiosidade em termos de público, mercado alvo, nível de envolvimento financeiro do setor público, efeitos políticos, extensão de cobertura televisiva, construção de instalações e impacto sobre o sistema econômico e social da sociedade anfitriã. (HALL apud MESQUITA & TSUTSUI, 2014, p.2)

Em 2 de outubro de 2009, em Copenhague, o Rio de Janeiro conquistou o direito de sediar os Jogos de 2016. Segundo a Matriz de Responsabilidade divulgada pela Autoridade Pública Olímpica em janeiro de 2015, os investimentos para os Jogos Rio 2016 ultrapassariam a quantia de 6,6 bilhões de reais. A iniciativa privada também entrou na jogada, e os patrocinadores disponibilizam recursos financeiros em troca de visibilidade midiática e credibilidade social, importantes para o crescimento ou manutenção do status de sua marca.

Além dos investimentos, outros números relacionados ao evento mostram a dimensão dos eventos que o Rio está prestes a sediar. Segundo o site oficial rio2016.com:

A infraestrutura necessária para a realização dos Jogos demonstra a grandeza do projeto. Serão mais de 140 mil pessoas envolvidas diretamente na organização do evento, incluindo 7 mil integrantes do Comitê Organizador, 65 mil contratados e 70 mil voluntários. Milhões de pessoas do Rio, do Brasil, da América do Sul e de todo o mundo serão inspiradas pelos Jogos. Mais de 10.500 atletas de cerca de 200 nações ao redor do mundo competirão nos Jogos Olímpicos Rio 2016, diante de milhares de profissionais de imprensa, de apoio, apaixonados pelo esporte e turistas de todos os cantos do planeta.²

²Disponível em: <http://www.rio2016.com/os-jogos/olimpicos> Acesso em: 20/03/2015

Os Jogos Olímpicos da Era Moderna, que tiveram início com os Jogos Atenas 1896, foram pensados para ser um evento que reunisse povos do mundo inteiro à celebração da cultura esportiva, fornecendo um importante e fraterno diálogo entre as diferentes nações, etnias e culturas. No ano de 1960 foi realizada, em Roma, a primeira edição dos Jogos Paralímpicos, com esportes disputados por atletas com deficiência (PARSONS, 2012). Desde então, ainda que com idas e vindas, o Comitê Olímpico Internacional (COI) e o Comitê Paralímpico Internacional (IPC, na sigla em inglês) uniram esforços para, juntos, carregarem a bandeira do esporte a cada vez mais lugares e atingindo cada vez mais pessoas. Para isso, no entanto, era preciso seguir a lógica do mercado – por consequência, os objetivos da empreitada também sofreram alterações ao longo do caminho.

Do ponto de vista da comunicação, os Jogos Olímpicos e Paralímpicos se situam na intercessão entre dois eixos: o das mediações e o das representações (FRANÇA, 2004). De um lado, com o status de maiores eventos esportivos do planeta, os Jogos são uma ferramenta com enorme potencial de representação de força, seja qual for a sua natureza (econômica, política, social, cultural...). De outro, funcionam como mediação para os sujeitos sociais, orientando a maneira como se comportam no mundo, construindo, interpretando e atualizando as imagens em representação. O que se vê nas últimas edições, entretanto, é uma exploração desigual da mediação das forças potencialmente representadas pelos Jogos Olímpicos e Paralímpicos – as naturezas política e comercial dos megaeventos têm sobressaído em relação às demais, assumindo força e importância cada vez maior a cada edição realizada (MARQUES, 2014).

Na década de 1960, nas ciências sociais, começaram a surgir discussões a respeito dessa nova faceta do esporte, intimamente atrelada a questões político-econômicas. Esse movimento teórico ganhou o nome de Teoria Crítica do Esporte, e suas teses investigavam a relação entre o esporte, a cultura, a economia e a política, destacando o crescente caráter de mercadoria dos eventos esportivos na era da globalização.

Nos anos 90, o COI já mostrava uma perspectiva para o evento mais congruente com as lógicas de mercado do que com as resistências, vistas como conservadoras e antiquadas. O esporte paralímpico, por sua vez, pegou carona no processo de afirmação como prática espetacularizada e de comercialização cada vez maior (MARQUES, 2014). Hoje, não é raro ouvir ou ler que os Jogos são “o maior espetáculo da Terra”, em

que espectadores são consumidores e os campeões são garotos e garotas propaganda das grandes marcas que ajudam a custear o evento.

Pouco anteriormente, nos anos 60, Guy Debord já detectava a expansão da sociedade do espetáculo, do *ser* para o *ter*, do *ter* para o *parecer*. “O espetáculo é o capital em tal grau de acumulação que se torna imagem” (DEBORD, 2003, p. 20). Para Pierre Bourdieu (1997), os Jogos, enquanto suportes de *spots* publicitários, tornam-se um produto comercial que obedece às lógicas do mercado e que, por isso, devem ser concebidos de maneira a atingir e prender o mais duradouramente possível o público – que também deve ser o mais amplo possível. Não faltam estudos e reflexões sobre a natureza mercadológica dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos. Obedecendo à atual racionalidade econômica em que se estruturam toda a sociedade – e não só os Jogos, vale salientar –, tudo pode e é comercializado: os ingressos de entrada às competições, as concessões de imagem para a televisão, produtos licenciados em lojas físicas e virtual.

O interesse comercial no esporte se pauta por sua proximidade com espectadores, que se tornam consumidores, e o desejo das empresas de se aproximarem dessas pessoas para vender seus produtos (HOWE apud MARQUES et al, 2014). Todo tipo de investimento é feito pelos consumidores para que estes se sintam parte do espetáculo. Se não podem adquirir os ingressos, precisam estar ao menos em frente à televisão a fim de consumir as imagens do evento para se sentir parte dele. Se a antiga televisão não é capaz de acomodar toda a grandiosidade do espetáculo, é preciso comprar outra mais eficaz. O virtual invade a vida real e torna-se realidade ele próprio. Mesmo quem declina ir às compras, seja de novos receptores televisivos, produtos com a marca dos Jogos, ou ingressos, o ato de assistir à competição já é importante para a organização de mercado atual. Nas imagens das transmissões televisivas, todo o tempo nos deparamos com logotipos e símbolos das empresas que patrocinam os atletas, com chamadas de comercial dos patrocinadores dos Jogos, com placas de publicidade e de diversos outros tipos de divulgação das marcas.

Dentro dos Comitês Organizadores, tudo é pensado estrategicamente para que nada escape antes da hora e comprometa a ideologia e a credibilidade do evento. Todos os funcionários do Comitê Rio 2016, por exemplo, precisam assinar termos de compromisso e sigilo em referência a assuntos dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos. A ordem para quem soube sobre a decisão acerca da escolha dos mascotes dos Jogos Rio

2016 com antecedência era a de não compartilhar a informação em nenhum momento, com ninguém.

Mais do que multas e possíveis desligamentos, o descumprimento dessa regra acarretaria um abalo dentro da lógica do evento, estragando a surpresa para o grande público, que espera e consome aos poucos – e na hora certa – as notícias divulgadas. As informações não podem simplesmente vazar. É preciso criar um ritual simbólico, quase místico, de imagens para a anúncio de qualquer novidade relacionada ao evento (é o esperado para a etapa de divulgação do mascote oficial, por exemplo). Em prol desse controle, todos os funcionários são treinados para repassar à assessoria de imprensa qualquer solicitação de informação.

Além da força econômica, outra simbologia de poder que os Jogos têm assumido com força cada vez maior durante as últimas edições é a política. Essa é uma característica que os Jogos Olímpicos carregam desde a Antiguidade. Na Grécia Antiga, as diferentes cidades-Estado se reuniam em competições esportivas de força e velocidade que representavam uma espécie de batalha: a mais bem-sucedida ficava com o título de vencedora, mais forte, soberana sobre as demais. Hoje em dia, milhares de anos depois, o objetivo das nações participantes não é tão diferente: permanece a disputa entre as nações pelo posto de mais desenvolvida e bem preparada para as competições esportivas. Conforme Bourdieu, trata-se de “um ritual, com forte coloração nacional, senão nacionalista, desfile por equipes nacionais, entrega de medalhas com bandeiras e hinos nacionais” (1997, p. 123).

Dentro deste contexto, vale ressaltar também o valor político-histórico dos confrontos. Muitas vezes, as arenas de competição assumem uma importância maior do que apenas a da disputa esportiva. Um confronto entre Estados Unidos e Afeganistão, ou entre as Coreias do Norte e do Sul, por exemplo, acaba significando, em qualquer um dos esportes, mais do que apenas um jogo, uma corrida ou uma luta: a importância do confronto transborda a competição meramente esportiva e traz à tona a carga histórica e geopolítica entre as nações, que dificilmente passam incólumes aos atletas dos dois países dentro da arena de competição. Nos estádios, o comportamento dos atletas passa a representar não mais apenas suas habilidades no esporte em que praticam. Seja partir para cima do adversário sem pena ou abraçá-lo e cumprimentá-lo amistosamente após o combate, os atletas estão representando os ideais de toda uma nação e até interferindo em suas relações diplomáticas.

Paralela à corrida pelo título de mais atlética das nações, também assume enorme carga política a disputa pela sede dos megaeventos. Organizar e receber eventos da magnitude dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos é uma oportunidade de colocar uma cidade e um país diante dos olhos do mundo. Uma faca de dois gumes, portanto: a chance para demonstrar força e capacidade também pode denunciar despreparo e incompetência. Além disso, cada edição dos Jogos traz consigo a marca da cidade e do país que a sediam. A atmosfera que envolve os megaeventos será, durante três semanas, o espelho de uma nação para o restante do mundo: cores, clima, infraestrutura, simpática do público, gastronomia, cultura... Tudo servirá de representação e mediação do país – em especial as cerimônias de abertura e encerramento, espetáculos marcantes em todas as edições dos Jogos.

Tudo isso faz dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos um produtor de espetáculo, em que o fim é *si mesmo*.

O caráter fundamentalmente tautológico do espetáculo decorre do simples fato de seus meios serem ao mesmo tempo a sua finalidade. Ele é o sol que não tem poente no império da passividade moderna. Recobre toda a superfície do mundo e banha-se indefinidamente na sua própria glória. (DEBORD, 2003, p.12)

Na sociedade do espetáculo, nada é apenas o que parece ser, e os Jogos não fogem a essa regra. As competições, além de disputa esportiva, são também mercadoria. O público, além de torcedor, é consumidor. Os produtos vendidos, além de mercadorias, são marcas. As marcas carregam consigo muito mais que apenas logotipos e símbolos: são representações e mediações de interesses muito maiores.

Conforme veremos adiante, a mídia também não passa ilesa a todo esse contexto – e, acompanhando o progresso dos Jogos Paralímpicos, tema central deste trabalho, pode assumir importância cada vez maior e fazer a diferença para o cotidiano de muitas pessoas.

3. MÍDIA E PARADESPORTO NO BRASIL

Os Jogos Paralímpicos são o maior evento esportivo mundial destinado a atletas com deficiência física, sensorial e intelectual. Atualmente, conta com competições em 23 esportes, nos quais os atletas são divididos por classes funcionais de acordo com suas limitações, de modo que haja garantia de equivalência nas performances esportivas. Assim como nos Jogos Olímpicos, os atletas disputam os esportes representando o seu país – o vencedor conquista a medalha de ouro, o segundo colocado ganha a de prata, e o terceiro lugar fica com o bronze. As medalhas são somadas e, apesar de não se tratar de uma classificação oficial, o país com o maior número de ouros é mundialmente considerado o primeiro colocado (o total de pratas é o primeiro critério de desempate, seguido pelo número de bronzes).

O esporte para pessoas com deficiência teve seu início entre o final do século XIX e o início do século XX. Os cegos foram os primeiros a sistematizar em um movimento de abrangência mundial a até então isolada e pontual prática paradesportiva. Em 1924 foram criados o Comitê Internacional de Esportes para Surdos (CISS, na sigla em inglês)³ e os *Deaflympics*, ou Jogos do Silêncio, cuja primeira edição aconteceu em Paris.

A origem do movimento paralímpico, por sua vez, está relacionada a um modelo centrado nas práticas de reabilitação e lazer para pessoas com deficiência. Em Stoke Mandeville, na Inglaterra, o neurocirurgião alemão Ludwig Guttman começou a usar o esporte como reabilitação de seus pacientes em 1944. Como a Europa passava por um período de guerra, muitos combatentes voltavam para casa com lesões severas.

A prática de atividades competitivas pelas pessoas com lesão medular e outras deficiências similares servia como elemento motivacional para que elas buscassem uma integração com o ambiente não hospitalar. (CPB, 2013, p. 3).

Em 1948, foram organizados os primeiros Jogos de Stoke Mandeville – que tiveram início em data coincidente com os Jogos Olímpicos de Londres daquele ano. Nascia desta forma o paralelo com o movimento olímpico. No início, o evento era ainda de pequeno porte e realizava-se anualmente na pequena cidade da Inglaterra, que se

³ Apesar de o CISS ter sido um dos membros fundadores do Comitê Paralímpico Internacional, o movimento esportivo para pessoas surdas não ocorre de maneira conjunta com os Jogos Paralímpicos. Segundo o CPB, a separação acontece por questões culturais.

tornaria o berço dos Jogos Paralímpicos. Disputado inicialmente apenas por atletas britânicos, os jogos acolheram competidores da Holanda quatro anos mais tarde, que somaram força ao movimento e ajudaram a conferir-lhe, aos poucos, uma significação internacional – gradativamente, as modalidades foram se difundindo por outros países e ganhando cada vez mais adeptos. O resultado do avanço culminou com uma grande competição em 1960, quando Roma se tornou a primeira cidade a sediar, além dos Jogos Olímpicos, um torneio de grande magnitude destinado a atletas com deficiência. Era o nascimento dos Jogos Paralímpicos.

A origem do termo *paralímpico* vem da derivação da preposição grega *para* ("junto a" ou "ao lado de") e, portanto, refere-se a uma competição realizada em paralelo aos Jogos Olímpicos. O movimento paralímpico, conta com um lema – “espírito em movimento” – e com um símbolo. Formado por três cores (vermelho, azul e verde, que são as cores mais amplamente representadas nas bandeiras das nações), o símbolo consiste em três “riscos”, que circundam um ponto central e simbolizam o movimento – são os *Agitos* (*eu movo*, em latim). Representam a união dos atletas a partir de todos os pontos do globo.

O sucesso das primeiras competições proporcionou um rápido crescimento ao movimento paralímpico, presente em mais de quarenta países já nos Jogos Heidelberg 1972. Em 1976, a edição de Toronto dos Jogos Paralímpicos, que antes eram restritos apenas a cadeirantes, marcou a estreia de eventos para atletas com outros tipos de deficiência, como amputados e cegos. Ainda em 1976, foi realizada a primeira edição dos Jogos Paralímpicos de Inverno, o que fez aumentar ainda mais a amplitude do movimento.

Com o passar dos anos, os Jogos Paralímpicos continuaram crescendo em tamanho, importância e visibilidade – e cobertura na mídia. Ao final dos Jogos Seul 1988, o apoio do Comitê Olímpico Internacional proporcionou a fundação do Comitê Paralímpico Internacional, em 1989. Apesar de a capital sul-coreana já ter acolhido, em sequência, os Jogos Olímpicos e Paralímpicos, foi somente a partir de 1989 que os Comitês Organizadores dos dois eventos trabalharam, de fato, em conjunto. Em 19 de junho de 2001, foi assinado um acordo que assegura que a cidade-sede escolhida deve acolher os Jogos Olímpicos e Paralímpicos até 2020.

Os Jogos de Barcelona, 1992, acolheram mais de três mil atletas de 82 países, números que subiram continuamente até a última edição, em Londres 2012: foram 4.237 atletas, que representaram 164 países diferentes e brigaram por 503 pódios

Paralímpicos. As competições foram transmitidas para mais de 100 países por 36 redes de comunicação – um sucesso inédito de público para eventos paralímpicos. No entanto, para chegar até esta marca, muitos obstáculos precisaram ser superados.

Adiante, um resumo de como aconteceu o progresso de transmissões dos Jogos Paralímpicos – e, principalmente, de como a mídia brasileira se comportou ao longo de todo esse processo.

3.1 Breve histórico do paradesporto na mídia brasileira

Segundo o censo demográfico de 2010, divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o contingente de pessoas com deficiência no Brasil está na casa dos 45 milhões. Se considerarmos o universo de 190 milhões de brasileiros, o número de pessoas com deficiência não chega a um quarto da população total do Brasil. De acordo com Muniz Sodré, o conceito de minoria “tem como ponto de partida um sentido de inferioridade quantitativa” (2005, p.9) – fica claro, portanto, que estamos tratando de uma minoria populacional.

Como acontece com qualquer grupo minoritário, não há nos veículos midiáticos tanto espaço dedicado às pessoas com deficiência. E com o paradesporto a situação não é diferente. Os minutos dos telejornais e as páginas dos impressos e da web dedicados à prática esportiva realizada por pessoas com deficiência é significativamente menor que aqueles dedicados ao esporte convencional. Recorrendo novamente a Muniz Sodré, “minorias é uma voz de dissenso em busca de uma abertura contra-hegemônica no círculo fechado das determinações societárias” (SODRÉ, 2005, p. 14). E a minoria aqui em questão tem conseguido sua abertura e o crescimento midiático do paradesporto nos últimos anos. Tomando como ponto de referência os Jogos Paralímpicos, é notável o aumento do interesse por parte mídia, que vem numa crescente contínua desde 1964.

Sediada em Tóquio, essa edição dos Jogos foi a primeira a contar com cobertura dos veículos de imprensa, ainda que incipiente e restrita às empresas locais, japonesas. Em Toronto 1976, o Canadá tornou-se o primeiro país a ter transmissões ao vivo de alguns momentos dos Jogos Paralímpicos.

Foi em Seul 1988 que as transmissões internacionais ao vivo tiveram seu início (CONDE, 2006, p.74), ainda que curtas. Em Barcelona 1992, o número de horas de transmissão ao vivo chegou a 45, disponíveis para alguns países da Europa. A ascensão do alcance e da popularidade dos Jogos Paralímpicos continuou com os Jogos Atlanta

1996 até chegar à edição de Sydney 2000, que teve grande representatividade para os brasileiros.

3.1.1 Sydney 2000: O despertar do interesse da mídia brasileira pelo paradesporto

Para os veículos brasileiros, a edição de Sydney 2000 foi a plataforma de impulsão do interesse brasileiro pelo paradesporto. Vital Severino Neto, então presidente do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), comandou uma estratégia ousada de comunicação que visava a mudança na forma como o esporte Paralímpico era visto no Brasil:

Em um primeiro momento, era importante convidar os jornalistas, pagando suas despesas para que eles assim pudessem conhecer o paradesporto e se livrar dos preconceitos, como o que dizia que o esporte para deficientes era feio plasticamente. Enquanto isso não ocorresse, os atletas deficientes nunca seriam notícia. (LIMA, 2007, p.51)⁴

Pode-se afirmar que parte do interesse brasileiro pelo paradesporto surgiu do desapontamento do chamado esporte convencional durante os Jogos Olímpicos disputados na cidade australiana (LIMA, 2007). Desde a edição de Moscou 1980, a delegação olímpica retornava ao Brasil com pelo menos um ouro no quadro de medalhas – desempenho que culminou com o inédito panorama de três ouros em uma mesma edição dos Jogos, em Atlanta 1996. No ano de 2000, no entanto, os atletas brasileiros não conseguiram subir nenhuma vez ao degrau mais alto do pódio – apesar das seis medalhas de prata e outras seis de bronze, trata-se de um resultado inegavelmente decepcionante para um povo cuja cultura acostumou-se a valorizar apenas o primeiro colocado.

Em 2000, após os Jogos Olímpicos, entraram em ação os até então desconhecidos "atletas deficientes": com seis medalhas de ouro e 22 no total (PARSONS, 2012), os novos heróis ganharam a admiração e o carinho do público, ainda que os Jogos Paralímpicos não tenham sido transmitidos ao vivo. O paradesporto brasileiro encontrava terreno fértil para alçar voos cada vez mais altos, enquanto a mídia enxergava novas possibilidades de público e audiência para suas transmissões.

⁴ Retirado de palestra concedida na Semana Nacional da Pessoa Portadora de Deficiência, ArtSesc Flamengo, 18/09/2007. Transcrição de Marcos Henrique Carvalho Lima.

3.1.2 Atenas 2004: um divisor de águas na cobertura brasileira dos Jogos Paralímpicos

Vital Severino Neto, que foi presidente do CPB de 2001 a 2009, resumiu a importância desta edição dos Jogos Paralímpicos desta forma:

Atenas 2004 criou uma demanda pela informação sobre o Esporte Paralímpico e apresentou à mídia o potencial dos nossos atletas – eles treinam duro, eles vencem, perdem e têm histórias incríveis como qualquer outro atleta.⁵

Motivado pelo interesse cada vez maior da população brasileira, o Comitê Paralímpico Brasileiro seguiu com sua estratégia de comunicação, que permitiu um grande salto no alcance da mídia relacionada ao paradesporto. “Pela primeira vez, o CPB comprou os direitos de transmissão dos Jogos Paralímpicos de Atenas e os cedeu às emissoras de televisão do Brasil” (CPB, 2013, p. 93). Coordenada por Marcos Malafaia, a produtora Íntegra Produções foi contratada junto ao CPB para captar, editar e fornecer imagens das competições gratuitamente às emissoras brasileiras que se interessassem em abordar os Jogos Paralímpicos – cujos eventos puderam ser acompanhados ao vivo pela primeira vez no Brasil (HILGEMBERG, 2005). O desempenho esportivo dos atletas com deficiência da delegação brasileira continuou em ascensão. O grande destaque foi o nadador Clodoaldo Silva, aclamado pela torcida como “o Michael Phelps brasileiro”: logo depois de o norte-americano fazer história e conquistar seis medalhas de ouro nos Jogos Olímpicos, o “tubarão” do Brasil caiu na mesma piscina em Atenas para superar o desempenho do superatleta dos Estados Unidos, igualando as seis medalhas de ouro e ainda levando uma prata.

Além disso, o CPB custeou a viagem e disponibilizou infraestrutura necessária aos veículos interessados - estiveram assim em Atenas as redes de televisão NSB, Record, Bandeirantes, Gazeta, RedeTV, Sportv, TV Nacional e TVE (além da Rede Globo, que enviou uma equipe por sua própria conta).

Também a convite do CPB, viajaram a Atenas outras doze equipes de imprensa entre rádios, jornais e portais de Internet: Diário de Pernambuco, Folha de São Paulo,

⁵Tradução do Autor. Texto Original: Athens created a demand for information about Paralympic Sport and made the media aware of the media potential of Paralympic athletes – they work hard, they win, they loose and they have interesting stories just like any other athlete. Disponível em: http://www.paralympic.org/sites/default/files/magazine/120209192146951_paralympian_2005_2.pdf
Acesso em: 14/03/2015.

Jornal da Tarde, Jornal de Brasília, Lance!, O Dia, O Estado de Minas, O Globo, portal UOL, Rádio CBN, Rádio Eldorado e Tribuna do Norte (HILGEMBERG, 2005).

O resultado foi histórico para a mídia e para o paradesporto brasileiros: com 168 horas, o Brasil foi o campeão em tempo de transmissão daquela edição dos Jogos Paralímpicos, com larga vantagem sobre o segundo país da lista, a Espanha, com 125 horas transmitidas.

A operação seria repetida em Pequim 2008, nos Jogos Parapan-Americanos Guadalajara 2011 e, em escala reduzida, nos mundiais de natação, de atletismo e de futebol de 5 (praticado por atletas com deficiência visual).

3.1.3 Parapan Rio 2007: a chance de ouro para o paradesporto brasileiro

Em 2007, o Rio de Janeiro sediaria os Jogos Parapan-Americanos: seria o primeiro megaevento do paradesporto disputado diante dos brasileiros. Depois de comemorar o sucesso da operação de comunicação articulada para os Jogos Atenas 2004, Vital Severino Neto e o CPB concentraram esforços, dessa vez, para o Parapan. De acordo com o presidente do CPB, era uma oportunidade de ouro:

Em Atlanta, os atletas paralímpicos do Brasil ganharam medalhas e ninguém soube; em Sydney, os atletas venceram e os brasileiros ouviram falar; mas em Atenas, os atletas ganharam medalhas e o público viu, torceu e se envolveu com eles. Nos Jogos Pan-Americanos do Rio em 2007, os atletas estarão competindo e o público estará lá, presente, assistindo às competições. E essa oportunidade será como nenhuma outra que já tivemos.⁶

Uma conjuntura de fatores contribuiu para que o evento fosse amplamente coberto pela imprensa brasileira. A realização das competições em solo carioca ajudou a aumentar o interesse dos veículos de mídia para o paradesporto - o Rio de Janeiro estar sediando um evento como aquele era, por si só, uma notícia. De uma maneira geral, como costuma se comportar diante de grandes eventos, o público brasileiro duvidava da capacidade do Rio de sediar os Jogos Rio 2007, ainda mais o Parapan, que requer um

⁶Tradução do Autor. Texto Original: "In Atlanta the Brazilian Paralympic athletes won medals and no one knew; in Sydney they won medals and Brazilians knew about it; but in Athens the athletes won medals and the public saw, cheered and were touched by it. In Rio 2007, the athletes will win medals and the public will be there, watching the competitions. It will be an opportunity unlike any other." Disponível em: http://www.paralympic.org/sites/default/files/magazine/120209192146951_paralympian_2005_2.pdf
Acesso em: 14 /03/2015.

nível mais alto de acessibilidade e inclusão para pessoas com deficiência do que ao que estamos acostumados. Por isso, era grande a demanda por repercutir os pontos positivos e negativos dos Jogos, seja no âmbito esportivo ou na organização do evento. Além disso, não houve gastos com viagens internacionais, e público e imprensa tiveram poucas restrições no acesso às provas, independente de contratos ou do tamanho da empresa (LIMA, 2007).

Segundo o site oficial dos Jogos Parapan-Americanos Rio 2007⁷, um total de 1107 jornalistas se cadastraram para cobrir os Jogos, sendo 357 profissionais da imprensa e 750 de rádio e televisão (LIMA, 2007). Segundo o site do Comitê Paralímpico Internacional⁸, mais de 280 mil pessoas compareceram aos jogos.

Com o interesse da população e a ampla cobertura da mídia, estava criado o clima de expectativa e apoio aos atletas brasileiros – e eles não decepcionaram. Pela primeira vez, o topo do quadro geral foi garantido com 228 medalhas (83 de ouro), uma considerável margem de diferença para os demais países (apenas uma a menos que a soma do segundo e terceiro colocados, respectivamente Canadá e Estados Unidos).

Ainda que centralizado em grandes eventos e de forma pontual e não periódica, nota-se um movimento de aumento do espaço midiático dado ao esporte paralímpico no Brasil (MARQUES et al, 2013). Há de se destacar a crescente importância do papel da mídia na divulgação no paradesporto. Um dos ídolos da torcida brasileira no Parapan Rio 2007, o nadador André Brasil só descobriu que poderia praticar esportes e competir em alto nível depois de assistir aos Jogos Atenas 2004 pela televisão. Inspirado por Clodoaldo Silva, viria a ser um dos destaques da delegação brasileira nos Jogos Parapan-Americanos do Rio de Janeiro apenas três anos depois, conquistando seis medalhas de ouro, uma de prata e uma de bronze, na natação.

Além de André Brasil, o público brasileiro pôde conhecer atletas como Terezinha Guilhermino, Ádria Santos e Daniel Dias. Em palestra concedida na Semana Nacional da Pessoa com Deficiência, em 2007, Vital Severino Neto (apud LIMA, 2007, p. 55) chamou a atenção para um fenômeno interessante: "Antigamente, o menino cego que jogava bola queria ser um Zico, um Romário. Agora, ele quer ser um Ricardinho"⁹ (em referência a um dos craques da seleção brasileiro de futebol de 5, praticado por atletas com deficiência visual).

⁷Site extinto, informação encontrada em: LIMA, 2007.

⁸Disponível em: <http://www.paralympic.org/feature/no25-rio-2007-parapan-american-games> Acesso em: 24/03/2015.

⁹Retirado de palestra concedida na Semana Nacional da Pessoa Portadora de Deficiência, ArtSesc Flamengo, 18/09/2007.

Por isso, é possível afirmar que um dos principais legados que os Jogos Parapan-Americanos deixaram para a cidade do Rio de Janeiro foi a popularização e a afirmação do paradesporto como potência nacional.

O maior deles foi o reconhecimento das instituições, governamentais ou não, de que o esporte paralímpico se afirmava como uma realidade, não apenas como ferramenta de inclusão de uma classe ainda excluída de boa parte das atividades sociais, mas como uma competição de alto rendimento (LIMA, 2007).

3.1.4 Pequim 2008: o público brasileiro se acostuma com os Jogos Paralímpicos

Para Pequim 2008, o CPB repetiu sua estratégia de compras e sublicenciamento de direitos televisivos. O Brasil, que disputou 17 das 20 modalidades esportivas, teve, em âmbito mundial, a maior equipe de jornalismo e comunicação (MARQUES et al, 2013). A televisão fechada continuou realizando transmissões ao vivo dos eventos esportivos. Em ação, os atletas brasileiros reafirmaram a crescente força do país no paradesporto mundial e alcançaram a melhor marca da história, conquistando um total de 47 medalhas (16 de ouro, 14 de prata e 17 de bronze), que renderam ao país um lugar no top 10 do quadro geral, com a nona colocação.

No Brasil, um velho hábito que já fazia parte dos amantes do esporte praticado por pessoas sem deficiência agora começava a aparecer também para o esporte paralímpico: com as competições acontecendo do outro lado do planeta, era inédito ver o público brasileiro acordando cedo para acompanhar os atletas com deficiência defendendo as cores do país. De longe, os torcedores viram a afirmação de novos ídolos: Antônio Tenório conquistou seu quarto ouro paralímpico consecutivo no judô, Dirceu Pinto e Eliseu Santos brilharam na bocha, com um ouro cada, enquanto Lucas Prado e Terezinha Guilhermino continuaram dominando provas nobres do atletismo. Nas piscinas, surgiu o maior atleta paralímpico da história do Brasil: Daniel Dias, mais um multicampeão que só começou a praticar natação após assistir a Clodoaldo Silva comandar a delegação brasileira em Atenas 2004. Em Pequim 2008, Daniel somou quatro ouros, quatro pratas e um bronze – quantidade inédita de medalhas para um único atleta brasileiro em edição de Jogos Paralímpicos até então.

Concomitantemente ao processo de afirmação paradesportiva, o Brasil acompanhava também uma cobertura cada vez mais ampla do esporte Paralímpico nos veículos de mídia, em uma crescente que culminou nos Jogos Londres 2012.

Na última edição dos Jogos Paralímpicos, o CPB não precisou mais aplicar a mesma estratégia dos anos anteriores. Andrew Parsons, o presidente da entidade, explica:

Em Londres não precisamos mais investir em compra de direitos de transmissão, pois uma emissora de TV [Globo] se interessou e comprou por conta própria. Já havíamos mostrado que a transmissão dos Jogos Paralímpicos é comercialmente viável. Foi aí que o Brasil passou a entender que os Jogos Paralímpicos não eram para pessoas com deficiência, mas sim para atletas de alto rendimento.¹⁰

3.1.5 Londres 2012: um grande marco para a relação mídia-paradesporto no Brasil

Pela primeira vez uma emissora nacional pagou para mostrar o maior espetáculo do paradesporto mundial (CPB, 2013, p. 93). Ainda que com exibição em canais pagos – e portanto, de menor alcance – foram mais de 130 horas dos Jogos Paralímpicos exibidos para todo país. A Rede Globo, detentora dos direitos de transmissão, reservou aos Jogos Paralímpicos mais de 200 minutos de sua programação durante a realização do megaevento.

Segundo o CPB, nos Jogos de 2012 foram credenciados 70 jornalistas de 23 veículos brasileiros – a maior presença de mídia da história do país em um evento do paradesporto internacional. O Brasil foi um dos poucos países a contar com sala própria no Centro de Imprensa. A infraestrutura de 400m², fornecida pelo CPB, contava com mesas de trabalho, pontos de energia e internet sem fio, estável e de alta velocidade, além de sofás para descanso e lanches.

Em doze dias foram distribuídos por e-mail e publicados em um site específico para a imprensa 135 releases com notícias sobre todos os esportes do programa paralímpico. O mesmo site recebeu quase 8.500 visitas em três meses e registrou 4880 downloads das 933 fotos disponibilizadas, desde a aclimação da seleção brasileira na cidade de Manchester. (CPB, 2013, p. 93)

Segundo o IPC, a edição de 2012 dos Jogos Paralímpicos atingiu 3,8 bilhões de espectadores em todo o mundo – a mesma audiência atingida nos Jogos de Pequim

¹⁰Disponível em: <http://www.rio2016.org.br/noticias/noticias/entrevista-andrew-parsons-presidente-do-comite-paralimpico-brasileiro> Acesso em: 25/03/2015.

2008, realizados em um país com quase 1,5 bilhão de habitantes. Excluindo a população dos países-sede, o aumento da audiência internacional foi da ordem de 1 bilhão de espectadores: de 2,4 bilhões em Pequim 2008 para 3,4 bilhões em Londres 2012.¹¹

Dentro das arenas, mais uma vez o desempenho esportivo do Brasil ajudou a popularização e midiaticização do paradesporto. Os 21 ouros, 14 pratas e 8 bronzes conquistados renderam ao país a sétima colocação no quadro de medalhas, a melhor da história nacional. Se a medalha de ouro Olímpica é o único título que falta ao futebol brasileiro, no futebol de 5 situação é bem diferente: desde Atenas 2004, quando o esporte estreou em Jogos Paralímpicos, apenas o Brasil foi campeão. Em Londres, o tricampeonato veio diante dos franceses, com vitória por 2 a 0. Daniel Dias, que já chegara a Londres com status de ídolo, retornou ao Brasil com status de lenda do esporte: ao conquistar o ouro em todas as seis provas individuais que disputou, tornou-se o maior atleta paralímpico da história do país e um dos maiores do esporte mundial. Apesar destas e de tantas outras conquistas do Time Brasil, como o ouro inédito na esgrima em cadeira de rodas e os três ouros da bocha, foi do atletismo que saiu a maior sensação dos Jogos Paralímpicos Londres 2012 – e ela é brasileira.

A vida do velocista Alan Fonteles certamente não foi a mesma após sua medalha de ouro paralímpica nos 200m rasos da classe T44 (para atletas com deficiência nos membros inferiores). Depois de ficar para trás nos metros iniciais, o paraense de Marabá tirou da cartola uma arrancada memorável para derrotar o sul-africano Oscar Pistorius, um dos maiores astros daquela edição dos Jogos, famoso por ter conquistado o direito de disputar os Jogos Olímpicos semanas antes, competindo contra atletas sem deficiência. A vitória do brasileiro foi destaque em vários jornais ingleses e mundiais, cujas matérias enfocavam o feito heroico do até então desconhecido “garoto do Brasil”, que havia superado um dos maiores nomes do evento.

3.1.6 Rio 2016: em casa, o interesse será ainda maior

Chega a vez do Brasil de sediar a maior competição do paradesporto mundial. O bastão foi passado à cidade do Rio de Janeiro, sede dos Jogos de 2016, em um momento oportuno: o ambiente nunca foi tão favorável aos atletas com deficiência no país. Se o desempenho esportivo está melhor do que nunca, seguem no mesmo ritmo a visibilidade

¹¹ Disponível em: <http://www.paralympic.org/press-release/london-2012-paralympics-proves-worldwide-tv-ratings-winner> Acesso em: 25/03/2015.

do paradesporto na mídia nacional, assim como os esforços de confederações e dirigentes para tornar o esporte praticado por atletas com deficiência cada vez mais reconhecido e valorizado pelos veículos de comunicação e pela sociedade do país.

O interesse da torcida certamente será maior que o costumeiro: ter à disposição eventos com os maiores atletas com deficiência do mundo e poder torcer pelos representantes brasileiros é uma oportunidade sem precedentes na história nacional. E, se o interesse do público é maior, o interesse midiático cresce junto (MARQUES et al, 2014). “Tal fenômeno tem produzido certa transformação social em relação à participação e reconhecimento de pessoas com deficiência em posições de destaque na sociedade” (BRITTAIN apud MARQUES et al, 2014, p.1).

3.2 A importância da mídia para as pessoas com deficiência

A mídia e o jornalismo são alguns dos principais pilares que sustentam a opinião coletiva sobre os mais diversos assuntos que cercam a sociedade. Dotada de imenso poder de convencimento, a mídia é, muitas vezes, o ponto de partida para a formação da opinião pública, de uma maneira geral.

(...) Podemos afirmar que a mídia é um dos fatores que, direta ou indiretamente, interfere nas formas de conhecer, pensar e agir do público, influência nos modos de conhecer e interpretar a realidade, nas concepções e aspirações, nos hábitos e comportamentos, nas orientações e princípios que inspiram as formas de relacionamento e de intervenção na vida social. (CORREIA apud HILGEMBERG, 2013, p.2)

Por isso, cabe ao profissional de comunicação direcionar a população – muitas vezes voluntária, outras tantas involuntariamente – sobre a forma como determinado assunto deve ser encarado. Assim acontece, por exemplo, no campo da política, com um eleitor que desiste de votar em um candidato após diversas matérias veiculadas na mídia que incriminam o político, acusando-o de estar envolvido em escândalos de corrupção. Ou mesmo na economia, quando um investidor desiste de aplicar seu capital em determinada empresa depois de ler sobre a queda de suas ações no jornal. Vemos que, seja de modo direto ou indireto, somos todos influenciados por aquilo que é divulgado na mídia. E não seria diferente para pessoas com deficiência – nem para aquelas que praticam esportes.

As representações sociais se modificam ou se atualizam dentro de relações de comunicações diferentes. Dessa forma, a mídia, integrada por um grupo de especialistas fornecedores e sobretudo difusores de representações sociais, é responsável pela estruturação de sistemas de comunicação que visam comunicar, difundir ou propagar determinadas representações. (ALEXANDRE apud HILGEMBERG, 2013, p.2)

É por ser dotada de imenso poder de convencimento que a mídia assume um papel importantíssimo para as pessoas com deficiência: ela pode direcionar a forma como essas pessoas serão tratadas em seu dia a dia. Conforme mencionado anteriormente, são 45 milhões de deficientes no Brasil. Ainda que se trate de uma minoria é, sem dúvida, um número expressivo, superior à população de países como Argentina, Canadá e Austrália. Na condição de classe minoritária na sociedade, as pessoas com deficiência enxergam na mídia um espaço de luta e reconhecimento perante os grupos majoritários – e esses 45 milhões aparecem com força cada vez maior no espaço midiático brasileiro.

Ora, é a mídia que nos dias de hoje detém o maior poder de dar a voz, de fazer existir socialmente os discursos. Então, ocupá-la torna-se a tarefa primordial da política de diferença, dando vazão à luta de minorias no que ela tem de mais radical (no sentido de raiz): poder falar e ser ouvida. (BARBALHO, 2005, p.36)

Quanto maior for o espaço aberto na mídia para pessoas com deficiência, mais naturalizado e mais fácil será o contato da sociedade com este grupo minoritário. Ocupar a mídia torna-se, então, uma luta primordial por espaço e reconhecimento – como grupo minoritário, os atletas com deficiência também querem falar e ser ouvidos.

Portanto, a cidadania, para as minorias, começa, antes de tudo, com o acesso democrático aos meios de comunicação. Só assim ela pode dar visibilidade e viabilizar uma outra imagem sua que não a feita pela maioria. (BARBALHO, 2005, p.37)

Mais importante que estar na mídia, no entanto, é a forma como a deficiência e as pessoas com deficiência são retratados pelos veículos de comunicação.

As pessoas com deficiência enxergam a mídia como um poderoso instrumento, capaz de exercer significativas transformações na maneira como serão tratadas no dia a

dia – por isso, os esforços e a torcida são para que a mídia seja sempre uma aliada. De uma maneira geral, as pessoas ligadas ao paradesporto e à comunicação – sejam atletas, dirigentes, técnicos, jornalistas ou assessores – veem em um dos principais fundamentos do jornalismo uma potencial força motriz para a mudança na forma de pensar da sociedade a respeito de qualquer minoria: a informação.

É por conta do desconhecimento acerca de um tema que surgem os preconceitos. Quanto mais conteúdo fosse consumido a respeito de suas características (necessidades e virtudes, dificuldades e facilidades), ou seja, quanto melhor fosse informada a sociedade sobre determinado grupo minoritário, certamente mais fácil seria conseguir a quebra dos preconceitos e, de maneira consequente, da discriminação. “No fenômeno comunicacional e midiático, prepondera a importância do discurso como comunicação verbal que exterioriza e faz existir as subjetividades individuais e/ou coletivas” (SCHAUN, 2005, p. 178).

Antes de transmitir essa quebra de preconceito à sociedade, os profissionais da área de comunicação precisam, eles próprios, se desfazerem dos pré-juízos. Um ponto comum observado a todos os que assistem às competições dos Jogos Paralímpicos é a incredulidade: como pessoas com tanta dificuldade conseguem fazer tudo aquilo? Ao espanto, seguem o respeito e a admiração. E é assim que o esporte se consolida como uma forma encontrada por muitas pessoas com deficiência para se afirmar na sociedade. “Além de ganhos pessoais, o esporte paralímpico proporciona aos atletas maior visibilidade e reconhecimento social o que fortalece a identidade de ser atleta em detrimento da de pessoa com deficiência.” (BENFICA, 2012, p.98). É como se, através da performance esportiva, os atletas com deficiência transmitissem o recado: sim, eu posso, eu consigo.

O esporte, considerando-se a definição de deficiência aprovada pela Resolução no. 48 de 1996 da Organização das Nações Unidas – ONU, cumpre os nobres objetivos de detectar e desenvolver os potenciais de pessoas com deficiência e proporcionar a elas oportunidades para que sejam reconhecidas como capazes de participar da vida comunitária em condições de igualdade com as demais pessoas. O esporte vem cumprindo eficazmente este papel nas suas mais diversas formas de manifestação, seja inicialmente, exercendo uma função terapêutica, com base nas diversas formas de atuação da esportoterapia, ou seja promovendo a inclusão social tanto com base no esporte de reabilitação quanto no esporte competitivo, nas suas mais diversas formas de manifestação, tanto do esporte adaptado quanto do esporte

paraolímpico ou mesmo do esporte olímpico. (CONDE apud BUSTO, 2011, p.2421)

Sem a mídia, permaneceriam desconhecidos não só o recado a ser transmitido como os próprios atletas com deficiência. Não são todas as pessoas que têm a oportunidade de ver em ação os atletas com deficiência; é, portanto, papel da mídia mostrar o que os atletas do paradesporto são capazes de fazer em suas performances esportivas. Aí se encontra, talvez, o grande desafio do jornalista que trabalha com grupos minoritários: entender, vivenciar e compreender as dores e as dificuldades das minorias antes de veicular qualquer matéria que diz respeito a elas.

(...) entre os maiores desafios da contemporaneidade, o principal está centrado no problema de regras, padrões, normas, afetos; enfim, na aceitação radical do outro.

Por outro lado, é preciso traçar uma nova cartografia de atualidade, em especial das relações sociais, onde estejam contempladas as novas estruturas responsáveis pelas mediações sociais. E esse esforço deve deter-se necessariamente no entendimento do lugar que a mídia assume, um papel de tamanha envergadura, capaz de, se não substituir, definir, de maneira cabal, todas as antigas mediações sociais. (SODRÉ, 2005, p.16)

Como espelho da sociedade e veículo de divulgação sobre o que acontece ao seu redor, os veículos midiáticos e seus produtos têm, neste caso, um elevado potencial de transformação social: a possibilidade de aproximar a rotina de pessoas com e sem deficiência.

(...) a exclusão do deficiente inviabiliza tanto para os indivíduos, deficiente e não deficientes, quanto para a sociedade, o trato das diferenças enquanto elementos constitutivos da própria natureza humana.

Em sendo assim, vemos a integração social como um processo de direito de todas as pessoas, de exposição sem barreiras à realidade. Essencial para a apreensão da realidade, para a construção do conhecimento, para o desenvolvimento do indivíduo e para a construção da sociedade. Alijando-se o deficiente da integração social, este perde em desenvolvimento, enquanto que a sociedade perde por não ter a oportunidade e a possibilidade de apreender uma significativa parcela de seus elementos constitutivos, representados pelos “diferentes” segregados. Com isso, todos perdemos em consciência, em comportamento e conseqüentemente, em possibilidade de transformação. (ARANHA, 1991, p.8)

3.3 Os desafios no tratamento e na abordagem dos atletas com deficiência na mídia

Nas páginas anteriores, vê-se que, paulatinamente, o interesse da mídia pelo paradesporto aumenta ano após ano. “Embora ainda insatisfatória, a visibilidade do movimento paralímpico cresceu no Brasil após 2004, principalmente na mídia televisiva” (MARQUES et al, 2013, p.587). Pouco a pouco, o grupo minoritário formado por atletas com deficiência que praticam esportes está vencendo as batalhas pelo espaço em veículos midiáticos. O principal indicador dessas vitórias talvez seja a inédita compra dos direitos de transmissão dos Jogos Paralímpicos por uma emissora brasileira na última edição do megaevento.

Ainda assim, no entanto, a conquista de espaço, de maneira isolada, pouco representa: é preciso saber usar o espaço conquistado. “A importância dos meios de comunicação para o paradesporto e, em mais alto grau, para a inclusão dos deficientes, está diretamente ligada ao tipo de mensagem difundida pela mídia” (LIMA, 2007, p.56). Ter o espaço em mãos e utilizá-lo de maneira incorreta pode ser mais prejudicial que benéfico tanto para o paradesporto como para a inclusão social. A dificuldade sobre como utilizar o espaço conquistado, entretanto, ainda é grande – e compreensível.

Como qualquer outro profissional, seja de qual for a área, o contato de jornalistas com pessoas com deficiência é, de uma maneira geral, esporádico. Com pouco contato, é natural que não se esteja habituado a lidar com determinadas situações que envolvem as pessoas com deficiência (seja ou não atleta). Em muitos casos, os Jogos Paralímpicos são a única oportunidade de um mínimo contato de muitas nações com o esporte adaptado (MARQUES et al, 2013, p.589). De quatro em quatro anos, o interesse por pessoas com deficiência cresce vertiginosamente durante os 12 dias de disputas paralímpicas – e são os mesmos jornalistas (quase sempre distantes do paradesporto) que fazem a cobertura. De maneira compreensível, estão desacostumados a lidar com o esporte adaptado, já que a procura por atletas com deficiência fora dos períodos do megaevento é bastante reduzida. Por isso, é também natural que surjam dúvidas e confusão na cobertura de eventos paradesportivos.

Os desafios para os jornalistas que cobrem o paradesporto são vários, que começam na curiosidade e vão até o tratamento pessoal, passando por diversas dúvidas de abordagem. Como, por exemplo, cumprimentar um atleta biamputado dos membros superiores? O que posso ou não fazer em caso de um entrevistado que usa um cão-guia?

Como agir em casos de entrevistas com atletas com deficiência intelectual? As situações conflituosas, no entanto, não param na convivência com o atleta. As dúvidas continuam na hora de redigir ou narrar a matéria – que talvez seja uma situação ainda muito mais delicada. A comunicação pelos veículos de imprensa acontece, na grande maioria dos casos, de maneira indireta entre pessoas sem deficiência falando diretamente sobre pessoas com deficiência. A responsabilidade, portanto, é enorme: deve-se evitar termos como “andar” ou “correr” para atletas cadeirantes? Pode-se empregar expressões como “pessoa deficiente”, “atleta”, “paraaatleta”, “portador de necessidades especiais”?

Mais que a forma como abordar ou se referir aos atletas com deficiência, em muitos casos, as dúvidas também surgem sobre o que noticiar, sobre qual o foco da matéria. Muitas vezes, é a deficiência do atleta que aparece como o destaque nesses casos. Conforme o guia de treinamento de inclusão e diversidade do Comitê Organizador Rio 2016, “fingir que a deficiência não existe significa mascarar uma característica importante daquela pessoa” (RIO 2016, 2012, p.1). Além de – por que não – ser um chamariz para a atenção dos leitores e, logo, ganhar audiência do público, a deficiência é algo que nem as próprias pessoas com deficiência desejam que seja ignorada. Desconsiderá-la, portanto, está fora de questão. Mas, então, como abordá-la?

Como vimos acima, muitas vezes o primeiro contato do repórter com pessoas com deficiência acontece justamente no momento da apuração da matéria. A instantaneidade e a busca por notícias de última hora costumeiras no jornalismo resultam em pouco tempo para que o profissional assimile e balanceie a nova visão sobre o paradesporto que acabou de aprender. De volta à redação, além de estar permeado de dúvidas na hora de redigir a matéria, o jornalista prepara um material que passará por editores (seja de vídeo ou texto) que, provavelmente, sequer estiveram em contato com o mundo do paradesporto na hora da apuração. Considerando a subjetividade inerente a cada um dos profissionais envolvidos na matéria, o resultado final é um compreensível conteúdo carregado de preconceitos, muitas vezes velados e involuntários.

O tratamento direcionado pela mídia geralmente se divide entre o sentimento de pena pela deficiência e a superexaltação pelas conquistas paradesportivas – afinal, trata-se de uma pessoa da qual não se esperaria uma grande performance esportiva, justamente ter deficiência.

Para compreender um pouco melhor o paradoxo *pena x superexaltação*, precisamos voltar um pouco no tempo. Aranha (1991) explica que, logo após as duas

grandes guerras, o número de amputados e deficientes aumentou consideravelmente na sociedade europeia:

O número crescente de cidadãos deficientes mentais, doentes mentais e deficientes físicos associado à ausência de uma via coordenada e eficiente para lidar com essa parcela da população, fazia dela um peso para a sociedade. O público exigia uma solução (...) Gradualmente, começaram a ser aprovados e institucionalizados Atos Constitucionais, garantindo ações e suporte financeiro para programas de Reabilitação. (ARANHA, 1991, p.5)

Compreende-se, então, que vem dos anos 40 a concepção de que as pessoas com deficiência são uma parcela da população que necessita de ajuda e precisa de amparo público – não é difícil, então, entender o porquê de a mídia, durante muito tempo, ter abordado o paradesporto e seus praticantes com pena.

Recentemente, no entanto, a mesma visão vem ganhando contornos alternativos. “De incapaz, o deficiente foi alçado à categoria de super-herói, alguém que é sempre um exemplo de força de vontade por transpor todas as barreiras e se colocar em alguma posição de destaque” (LIMA, 2007, p. 59). Esse é o chamado *supercrip*¹²: um termo emprestado da literatura que se refere à tendência sensacionalista de divulgação do atleta com deficiência como um herói que, mesmo com as desvantagens que lhe são impostas, as supera e alcança feitos extraordinários (MARQUES et al, 2014). A visão do coitado, de uma certa forma, permanece. No entanto, é um coitado vencedor, que luta para conseguir quebrar os preconceitos e mostrar para a sociedade que não é tão coitado assim.

Pode-se argumentar, e com razão, que a superexaltação dos atletas (que, como super-heróis, quebram barreiras e mostram do que são capazes) traz mais benefícios e tem maior poder de inclusão que a antiga mentalidade de que as pessoas com deficiência são coitados que precisam de ajuda. Ainda que essa visão também acabe por encerrar um preconceito, pode ter a função de abalar a sustentação das ideias preconcebidas que grande parcela dos cidadãos insiste em carregar. (LIMA, 2007). É, portanto, uma forma mais bem aceita e melhor recebida de encarar o paradesporto que a antiga pena.

¹² No inglês, *crip* é um termo de conotação negativa utilizado para se referir a pessoas com deficiência. Sua tradução literal para o português seria algo como *aleijado*; *supercrip* seria, portanto, o super aleijado.

Como ponto negativo, no entanto, muitos são os trabalhos que ressaltam que atletas e profissionais envolvidos com o paradesporto ainda não estão completamente satisfeitos com o enfoque dado pela mídia ao atleta com deficiência, ainda que reconheçam os avanços recentes. (MARQUES et al, 2014). Argumentam que o valor esportivo do atleta ou do campeonato, o nível de exigência ou mesmo condições de treinamento de um determinado esportista são preteridos em favor de um enfoque mais sensacionalista. Por outro lado, os profissionais da mídia se defendem dizendo que, antes de querer saber do resultado ou de sua performance esportiva, há maior interesse do público pelas histórias por trás de cada atleta com deficiência. Os atletas, em sua maioria, posicionam-se “quanto à preferência por destaques de seus feitos atléticos e com incômodo ao discurso *supercrip*” (MARQUES et al, 2014, p.1004).

Este é, no entanto, o ponto-chave da discussão. A maior parte dos atletas e de toda a comunidade do paradesporto quer que seus protagonistas sejam reconhecidos pela performance esportiva, não por sua deficiência ou por sua trajetória de superação. Para parcela do público, no entanto, é inegável que interessa mais o enfoque sensacionalista sobre os obstáculos que os atletas precisaram superar para chegar onde hoje estão – embora, é preciso dizer, isso não aconteça somente com atletas com deficiência. Entendemos, então, qual é o ponto principal pelo qual lutam hoje em dia os atletas com deficiência: eles querem ser vistos como qualquer outro atleta, sem distinção entre atleta com ou sem deficiência.

Rafael Ceccon, técnico de remo adaptado, identifica que o deficiente, quando “não é abordado como indefeso e vítima da sociedade, é considerado um super-homem que trabalha, pratica esportes, faz faculdade, tem relações sociais (...) como se isso não fosse normal a qualquer ser-humano, ou como se ele não fosse um ser-humano normal”. (LIMA, 2007, p.59)

Embora a sociedade brasileira ainda não pareça estar preparada para aceitar o atleta com deficiência com a igualdade por eles almejada, a última edição dos Jogos Paralímpicos dá sinais de que é possível atingir este objetivo: durante alguns dias de competição, os resultados históricos de atletas como Daniel Dias e Alan Fonteles interessaram mais que suas deficiências e histórias de superação.

3.4 Por que um guia é necessário

Aproveitando essa demanda, entram em campo os guias analisados nas páginas a seguir. Entidades como o Comitê Paralímpico Brasileiro e a Associação Paralímpica da Grã-Bretanha (BPA, em inglês) publicaram, especialmente para os Jogos Paralímpicos Londres 2012, guias de imprensa que orientam os profissionais da área de comunicação a se portar diante de determinadas situações, encontradas durante os Jogos. É uma preocupação tanto do Comitê Paralímpico Internacional (IPC) como dos Comitês Paralímpicos Nacionais (NPC`s, em inglês) que os jornalistas que cobrem os Jogos Paralímpicos estejam devidamente preparados para vivenciar e transmitir de maneira justa e correta os eventos esportivos disputados por pessoas com deficiência.

A realidade nos veículos de comunicação, não só nacional, mas mundial, é que quase inexitem profissionais especializados em paradesporto. Como já abordado, o que acontece na maioria dos casos é que o interesse em cobrir o paradesporto surge apenas de quatro em quatro anos, durante os Jogos Paralímpicos, em que geralmente trabalham os mesmos profissionais de sempre. Ou seja, jornalistas que têm contato com o paradesporto apenas em pequenos intervalos a cada quatro anos – e que estão desacostumados e despreparados para tratar adequadamente as pessoas com deficiência.

Também é uma realidade o baixo interesse no paradesporto. Assim como acontece com os esportes olímpicos de menor visibilidade (como o tiro esportivo e a luta greco-romana, por exemplo), o paradesporto precisa criar políticas e estratégias para chamar a atenção e ser atrativo para o público e para a mídia, mesmo durante os Jogos Paralímpicos. Enquanto as assessorias das federações de alguns esportes olímpicos de grande visibilidade, como o futebol e o basquete, se concentram em estratégias de comunicação para dar conta da massiva e ainda crescente procura durante a realização dos Jogos, as assessorias dos esportes paralímpicos precisam, elas próprias, ser atrativas caso queiram maior visibilidade no universo midiático. De forma sintetizada, os Jogos Olímpicos atraem, por si só, a mídia e o interesse público; os Jogos Paralímpicos, “relegados a um interesse midiático infinitamente menor” (AGNELLI; TSUTSUI 2014, p. 10), precisam criar meios de atrair público e imprensa.

Uma vez atraídos, público e mídia precisam, então, ser inseridos no complexo contexto que envolve o universo paralímpico. Desde regras específicas a questões simples sobre acessibilidade e deslocamento (oferecer ou não ajuda a um cadeirante que está se deslocando na arena? O futebol para cegos tem as mesmas regras do futebol

Olímpico?), os repórteres e os torcedores precisam ser informados e conhecer melhor sobre o esporte para pessoas com deficiência. A intenção é a de alfabetizar o público em esportes ainda pouco conhecidos no país (AGNELLI, TSUSUI, 2014). Além de vivenciar, compreender e transmitir os Jogos Paralímpicos ao público – que, afinal, também não está acostumado a acompanhar competições paradesportivas –, há um fator que torna o desafio ainda mais complexo: os Jogos Paralímpicos acontecem ao longo de apenas 12 dias. Ou seja, em menos de duas semanas, o jornalista precisa assimilar o universo do paradesporto a ponto de repassar ao público um conteúdo que retrate fielmente e de maneira correta os Jogos Paralímpicos.

Sabendo das dificuldades que os jornalistas podem enfrentar durante a realização dos Jogos e também com o objetivo de que o conteúdo publicado pela mídia seja positivo para o paradesporto e atletas com deficiência, o CPB e o BPA publicaram e disponibilizaram à imprensa os guias analisados (disponíveis nos anexos deste trabalho) nas páginas a seguir. Em um misto de afirmação da minoria formada por atletas com deficiência e estratégia de marketing e comunicação, interessa duplamente a estes órgãos a correta transmissão dos Jogos Paralímpicos: tanto social quanto economicamente, a exposição dos atletas com deficiência na mídia, desde que maneira correta, trará retornos importantes.

No campo da Comunicação, o CPB virou exemplo de sucesso na área esportiva, por suas ações relacionadas a marketing e mídia.

Por acreditar que os feitos dos atletas paralímpicos têm papel decisivo na mudança de percepção da sociedade brasileira em relação às pessoas com deficiência, o Comitê promove ações de mídia permanentes e pontuais, oferecendo conteúdo e condições operacionais para jornais, revistas, sites na internet e emissoras de rádio e televisão de todo o país noticiarem as principais competições nacionais e internacionais. (CPB, 2013, p.93)

A exposição para a mídia e, por consequência, para o público, atrai patrocínios e apoios que ajudam financeiramente a causa do paradesporto. O que não justifica, no entanto, que basta que as notícias sejam publicadas de qualquer maneira: por se tratar de um grupo minoritário que precisa diariamente passar por dificuldades de acessibilidade e inclusão, a forma como os atletas com deficiência serão retratadas pelos veículos importa ainda mais que a simples exposição.

É importante, por exemplo, que grandes campeões como Daniel Dias e André Brasil sejam exaltados, mas não que sejam tratados como “os nadadores deficientes” ou

“os atletas amputados”. Da mesma forma, Eliseu Pinto, Dirceu Pinto e Maciel Santos, campeões Paralímpicos da bocha, não querem ser reconhecidos como os “jogadores da cadeira de rodas”. Antonio Tenório, do judô, Terezinha Guilhermino, do atletismo, ou Jefinho e Ricardinho, destaques da seleção de futebol de 5, não gostam de serem chamados de “os cegos”. Vê-se, portanto, que a busca pelo espaço na mídia não é uma luta desenfreada, em que os fins justificam os meios – a forma como o espaço será utilizado interessa tanto quanto, ou ainda mais, que a simples utilização, sem orientações.

Não se trata de resgate. (...) Trata-se, sim, de invenção e criação de novas estruturas sociais, capazes de comportar toda a complexidade da contemporaneidade e de seus sujeitos, obrigados a permanecer acorrentados a antigos e ineficazes dogmas e conceitos. (SODRÉ, 2005, p. 24)

Ajudar a mídia a compreender o paradesporto e, de maneira consequente, encontrar espaço para divulgar com responsabilidade os Jogos Paralímpicos e seus protagonistas, aproveitando estrategicamente a oportunidade tanto para fins sociais como comerciais: esta é, de maneira breve, a principal função dos guias analisados a seguir, que os torna aliados importantíssimos na luta pelo reconhecimento de todo o complexo universo que envolve a prática paradesportiva.

4. OS GUIAS

Um dos objetivos dos Comitês Paralímpicos do Brasil e da Grã-Bretanha é orientar a população para o tratamento e a linguagem mais adequados na abordagem não só dos atletas, mas de todas as pessoas com deficiência. Para alcançar o maior número de pessoas possível e atingir este objetivo, o melhor caminho é com o auxílio da mídia – e, conforme vemos a seguir, os guias de imprensa têm um papel importantíssimo neste processo.

Acreditamos que educar o público sobre o que envolve os atletas e os Jogos Paralímpicos é parte integral da mensagem que queremos passar em 2012, e esperamos que a mídia possa nos auxiliar nesse desafio. O sucesso da Grã-Bretanha em 2012 será medido não apenas pelas medalhas de ouro ou pelas posições finais do quadro de medalhas, mas também pelo impacto que os Jogos Paralímpicos causam ao público e pelas mudanças de percepção em relação ao paradesporto e à deficiência que nós podemos, e precisamos, produzir. (BPA, 2012, p. 8)¹³

Este é o breve resumo encontrado ao final do guia de imprensa do Comitê Paralímpico da Grã-Bretanha (BPA, na sigla em inglês) para os Jogos Paralímpicos Londres 2012, que pode ser conferido no “ANEXO A” deste trabalho (BPA, 2012). A publicação tem oito páginas, foi destinada principalmente à imprensa local e teve como objetivo orientar os jornalistas sobre a linguagem mais adequada ao mundo paralímpico e sobre como se portar diante dos atletas com deficiência. Sucintas – como deveriam ser, uma vez destinadas a profissionais que estarão a trabalho em um momento certamente atribulado como os Jogos Paralímpicos –, as linhas do resumo demonstram a finalidade da distribuição do guia.

Como dito anteriormente, os Jogos Paralímpicos são disputados logo em seguida ao final da disputa dos Jogos Olímpicos – e o desafio de encontrar destaque na mídia logo após o maior evento esportivo do mundo não é fácil. A oportunidade, no entanto, é

¹³ Tradução do autor. Texto original: “We feel that educating the general public about Paralympic athletes and the Paralympic Games is an integral part of our messaging around 2012 and we hope the media will help us in this challenging task. ParalympicsGB’s success in 2012 will be measured not just in gold medals and our final position on the medal table, but also by the effect that the Paralympic Games has on the general public and by the shift in perceptions of disability sport and disability that we can, and must, affect.” Disponível em:

http://paralympics.org.uk/uploads/documents/imported/ParalympicsGB_Guide_to_Reporting_on_Paralympic_Sport_-_June_2012.pdf

Acesso em: 16/03/2015.

valiosa: este é o único momento em que o esporte adaptado compete de igual para igual em visibilidade com o esporte para pessoas sem deficiência, e isso acontece apenas de quatro em quatro anos. Por isso, neste momento “é preciso que o movimento paralímpico torne-se mais atrativo comercialmente, aproximando-se dos veículos de comunicação” (MARQUES, 2013, p. 590).

A preparação paralímpica acontece durante um período quadrienal que culmina nos Jogos Paralímpicos – que significam também a grande oportunidade do paradesporto de levantar suas causas e bandeiras, comercial e socialmente. Compreendemos, então, que a preparação de quatro em quatro anos para os Jogos não envolve apenas os atletas, mas todo o universo do paradesporto, inclusive a área de comunicação, ponto focal deste trabalho.

Além de explicar essa oportunidade, a apresentação do guia, na primeira página, elucida também o impacto que ela pode causar no dia a dia de todas as pessoas com deficiência – não somente dos atletas (LIMA, 2007; BENFICA, 2012).

A grandiosidade do megaevento já explica, por si só, por que o interesse pelos Jogos Paralímpicos é tão grande. Não há chance de a sociedade e a mídia não se interessarem pelo segundo maior evento esportivo do mundo em número de atletas participantes. O guia ainda faz questão de lembrar que esses atletas são “de elite e treinam tão forte quanto seus colegas dos Jogos Olímpicos” (BPA, 2012, p. 2)¹⁴. O texto assinado por Tim Hollingsworth, diretor-geral do BPA, conclui enfatizando que somente com a ajuda da mídia e dos jornalistas é que o Comitê Paralímpico Britânico conseguiria afetar positivamente a forma como a sociedade pensa, sente e se comporta diante das pessoas com deficiência.

Cavalcanti resume bem a importância de um texto adequado ao seu público, de acordo com seu objetivo: “seja na televisão, no rádio ou no jornal, o texto está presente – falado, escrito ou oralizado –, informando, persuadindo, convencendo, seduzindo seu receptor” (CAVALCANTI, 2009, p. 300). Buscando essa adequação, as orientações presentes no guia de imprensa do BPA se dividiram, basicamente, em duas principais linhas: a conduta e a linguagem. “Como tentativa de destinar maior valorização aos feitos atléticos, o movimento paralímpico opta por adequar-se a certas regras do campo midiático” (MARQUES, 2013, p. 594).

¹⁴ Tradução do autor. Texto original: “elite performers who train just as hard as their Olympic counterparts.” Disponível em: http://paralympics.org.uk/uploads/documents/imported/ParalympicsGB_Guide_to_Reporting_on_Paralympic_Sport_-_June_2012.pdf
Acesso em: 16/03/2015.

Independentemente de se encaixar melhor em uma das duas linhas, todas as dicas tinham por objetivo o tratamento justo e correto aos atletas paralímpicos e às pessoas com deficiência. As indicações presentes no guia convergiram sempre para pontos em comum: tratar os atletas de maneira natural e deixar suas deficiências em segundo plano. O que os caracteriza como atletas de alto nível e os levou até os Jogos Paralímpicos foram suas performances esportivas, não as dificuldades que porventura tenham precisado enfrentar para chegar até ali.

O desempenho, a ambição esportiva, o treino, a competição e as emoções causadas pela vitória ou pela derrota são os motivos pelos quais os atletas paralímpicos esperam receber destaque. Qualquer relação ou enfoque associado à deficiência do atleta é considerado desnecessário e certamente de importância secundária, e deveria ser considerada apenas no contexto esportivo. (BPA, 2012, p. 2)¹⁵

A principal orientação quanto à conduta dos jornalistas durante os Jogos Paralímpicos é oferecer condições para que os atletas possam ser tratados com a maior naturalidade possível. Para isso, são listadas dicas sobre como agir diante de algumas situações que normalmente causam conflito, por exemplo:

- Ofereça ajuda, mas lembre-se que nem sempre ela será aceita. Se a oferta for recusada, não se sinta ofendido por isso e nem evite oferecer ajuda no futuro;
- Cumprimente com um aperto de mãos as pessoas com deficiência como qualquer outra pessoa, mesmo que tenham movimentos limitados ou mesmo que sejam amputados. É uma saudação universal.
- Não se sinta desconfortável em usar frases comuns do dia-a-dia – os atletas também usam. Não estranhe ouvir de um cadeirante que ele vai ‘sair para uma caminhada’, ou um cego dizer para outro que eles ‘se veem mais tarde’;
- Na dúvida, pergunte. Se não tiver certeza sobre o que fazer em alguma situação, pergunte. (BPA, 2012, p. 7)¹⁶

¹⁵ Tradução do autor. Texto original: “Performance, Sporting ambition, training, competition and the emotions associated with winning and losing are all relevant subjects that our athletes and sports would expect to focus on. Anything specifically relating to, or focussing on, an elite athlete’s impairment is generally considered unnecessary, and certainly secondary, and should really only be considered within a sporting context.” Disponível em:

http://paralympics.org.uk/uploads/documents/imported/ParalympicsGB_Guide_to_Reporting_on_Paralympic_Sport_-_June_2012.pdf

Acesso em: 16/03/2015.

¹⁶ Tradução do autor. Texto original: “Offer assistance, but remember it will not always be accepted. Also, if your assistance is declined on one occasion, do not be offended or put off asking in the future.”;

O guia ainda faz questão de lembrar que, assim como qualquer outro, o atleta com deficiência precisa de treino, hidratação, concentração, descanso, alimentação... Ou seja: são atletas como quaisquer outros, sem necessidade de um olhar diferenciado por parte do jornalista.

Discurso é poder: a forma como nos comunicamos também é parte da mensagem que se quer transmitir ao receptor (VAN DIJK, 2008). Por isso, o guia traz orientações aos jornalistas quanto à linguagem a ser empregada. O objetivo não é diferente: o foco é sempre direcionar o tratamento aos atletas paralímpicos rumo à naturalidade. Como vimos, as dicas de conduta buscam a supressão das diferenças entre pessoas com e sem deficiência promovendo um tratamento basicamente igual para os dois grupos. Apesar de o princípio de tratamento igualitário ser o mesmo, as dicas quanto à linguagem a ser empregada pelos jornalistas se diferenciam sutilmente quanto às orientações de conduta analisadas acima, ainda que o propósito visado seja sempre o mesmo.

As orientações do BPA para a redação de matérias durante os Jogos Paralímpicos Londres 2012 basicamente apontavam para termos que deveriam ser adotados em detrimento de outros, que deveriam ser evitados. “As escolhas linguísticas que são adotadas na construção do discurso determinam os óculos sociais com que estamos vendo o mundo” (TEDESCO, 2007, p. 183). Por exemplo, o guia aponta como preferível dizer “pessoa ou atleta com paraplegia” do que referir-se a ela como “a paraplégica” ou, da mesma forma, não se deve dizer “o atleta confinado à cadeira de rodas”, mas simplesmente “o atleta cadeirante”. Chama a atenção também o emprego de uma orientação para a referência a pessoas sem deficiência: segundo o BPA, é incorreto dizer que estes são os atletas “normais” ou “capacitados” – são simplesmente “atletas sem deficiência”.

Vê-se, assim, como o objetivo das dicas é substancialmente o mesmo: não destacar no atleta sua deficiência, mas seu rendimento esportivo – embora seja

“Behave naturally: For example, shake hands with a disabled person as you would any other person, even if they are wearing a prosthesis or have limited movement of their hand or arm. It is a universal sign of greeting.”;

“There is no need to feel self-conscious about using everyday phrases - the athletes also use them. Some people who use wheelchairs will state themselves ‘I’m going for a walk’. It is also perfectly acceptable to say to a visually impaired person ‘I will see you later’.”;

“If in doubt, ask. If you are unsure of what to do in a particular situation, ask.” Disponível em:

http://paralympics.org.uk/uploads/documents/imported/ParalympicsGB_Guide_to_Reporting_on_Paralympic_Sport_-_June_2012.pdf

Acesso em: 16/03/2015.

impossível dissociar os atletas paralímpicos de sua deficiência. É essa condição concessiva a causa da diferença sutil das orientações linguísticas quando comparadas às orientações de conduta. Ao contrário do que acontece na hora de abordar um atleta paralímpico, na hora da redação das matérias há a admissão de que é impossível deixar de lado a deficiência e focar somente no desempenho esportivo, sem mencionar a deficiência. A medida justifica-se de maneira bastante simples: omitir ao público a informação sobre qual é a deficiência dos atletas em competição significaria deixar o leitor sem a informação precisa e correta sobre um dos fatores da matéria que deveria ser apurado e esclarecido por ser de interesse público – seria, portanto, um erro jornalístico segundo o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (2007, p.1).

Em parágrafo destacado, a orientação deixada pelo guia é:

A deficiência é irrelevante para as conquistas do atleta. Se quiser incluir a informação, assegure-se de fazer com que a deficiência apareça como uma referência na matéria, mas que não seja o foco dela. (BPA, 2012, p. 5)¹⁷

O parágrafo deixa claro que o foco nas deficiências não é a preferência dos atletas e dos profissionais ligados ao paradesporto, mas também é possível afirmar que, de certa forma, a declaração mostra a resiliência da comunidade paradesportiva quanto a um fato inegável para os profissionais do jornalismo: não se pode omitir a informação sobre a deficiência, ainda mais considerando que, em se tratando de Jogos Paralímpicos, esta é inegavelmente uma das partes que compõem a notícia que mais interessa ao público.

Uma vez convencidos da importância desta informação para o público e para o exercício do jornalismo, o posicionamento da BPA, conforme exposto pelo guia, é o de direcionar os jornalistas para a abordagem mais próxima possível de seu ponto de vista. Ou seja, orientá-los a escrever de forma que o foco da matéria fique o mais afastado possível da deficiência dos atletas e do sensacionalismo, conforme reiteram as orientações para evitar expressões como “vítima”, “o cego”, “o afetado por”, “o deficiente”.

¹⁷ Tradução do autor. Texto original: “We believe information on impairment is irrelevant to an athlete’s achievements. If you want to include it, try to make sure it is a reference rather than the focus of the article. Disponível em:

http://paralympics.org.uk/uploads/documents/imported/ParalympicsGB_Guide_to_Reporting_on_Paralympic_Sport_-_June_2012.pdf

Acesso em: 16/03/2015.

O texto escrito é peça imprescindível na produção de matérias em todos os veículos de comunicação. É a principal ferramenta do jornalista, com a qual ele manipula e amolda a informação, para adequar o estilo às características de um veículo específico. (CAVALCANTI, 2009, p. 300)

Vale lembrar que esta medida tomada pelo BPA pauta-se, sobretudo, na opinião dos próprios atletas com deficiência – e, portanto, nas causas sociais das pessoas com deficiência, que preferem matérias que exaltem a performance esportiva, em detrimento do foco na “superação das dificuldades”.

Ao final do guia, a frase que resume as orientações passadas aos jornalistas é: “não há motivo para tratar atletas paralímpicos de maneira diferente de como você trata qualquer outro atleta de elite” (BPA, 2012, p. 8).

No entanto, apesar de o guia afirmar que não existem motivos para a diferença de tratamento, a própria diferença, em si, inegavelmente existe. Pode-se, sim, afirmar que há diferenças no tratamento entre atletas (e, portanto, entre pessoas) com e sem deficiência – caso contrário, o guia nem seria necessário. A principal mensagem que o guia quer transmitir sobre esse assunto é que a diferença é muito mais viva e intensa na cabeça das pessoas sem deficiência. As pessoas com deficiência não só estão abertas para a igualdade de tratamento como lutam por ela. “A minoria é uma recusa de consentimento, é uma voz de dissenso em busca de uma abertura contra-hegemônica no círculo fechado das determinações societárias” (SODRÉ, 2005, p.14). Por isso, por mais que a causa da luta seja de uma minoria, é na maioria que se encontra a solução para essas causas. O que as pessoas com deficiência mais almejam é o tratamento igualitário, que sejam tratadas como qualquer outra pessoa, sem excesso de zelo ou receio exacerbado (o famoso “medo de falar besteira”) e, obviamente, sem sofrer com agressões ou falta de respeito pelo simples motivo de terem qualquer tipo de deficiência que seja.

De um lado, as minorias necessitam afirmar suas diferenças. [...] De outro, exigem que o direito de exercer sua singularidade não implique, na prática, desigualdade (sociais, políticas, econômicas e éticas). (BARBALHO, 2005, p. 30)

As condições para que o estágio de tratamento igualitário seja alcançado fogem ao controle das pessoas com deficiência – resta a elas somente lutar pelo espaço, pelo

respeito e ajudar das formas que puderem na busca pela divulgação de informações a respeito das pessoas com deficiência e pela conscientização para o tratamento equânime. É nas pessoas sem deficiência que está a capacidade de promover o tratamento igualitário. E, como vimos anteriormente, é por meio da mídia que grande parte da população tem o primeiro contato com as pessoas com deficiência – é imprescindível, portanto, que o trabalho jornalístico seja bem feito para que os objetivos da minoria aqui analisada sejam alcançados. E isso reforça ainda mais a importância e a pertinência dos guias de imprensa de orientação aos jornalistas: são eles que orientam as pessoas que conduzirão, através de textos e imagens, o pensamento de um número muito maior de terceiros sobre as pessoas com deficiência.

Também pensando na adequação da cobertura jornalística sobre os Jogos Paralímpicos conforme a estratégia de comunicação que foi planejada, o Comitê Paralímpico Brasileiro lançou um guia destinado à imprensa brasileira, que, como veremos, diferencia daquele publicado pelo BPA, analisado acima. Além de ser destinado aos jornalistas britânicos, o guia publicado pela BPA diferencia-se da obra do CPB sobretudo por seu direcionamento. Curta (com oito páginas), a publicação britânica apresentou foco bastante definido em orientar quanto ao tratamento e à abordagem do paradesporto. Esta não foi a única publicação do BPA voltada para a imprensa durante os Jogos Paralímpicos Londres 2012: em outros impressos, a associação mostrava informações como um pequeno perfil dos atletas em competição, o calendário com dia e horário das disputas e o histórico de medalhas do país.

Apesar de também ter, conforme palavras do presidente do CPB Andrew Parsons, “o objetivo de facilitar o desenvolvimento do trabalho da mídia durante os Jogos Paralímpicos Londres 2012” (CPB, 2012, p. 5), a publicação brasileira apresenta uma proposta sutilmente diferente. Com um total de 230 páginas, todas as informações para a imprensa brasileira estavam condensadas em apenas um “almanaque”. O CPB optou por concentrar, em uma única publicação, informações como o histórico brasileiro em cada um dos esportes paralímpicos, clima, hospedagem e transporte em Londres para os jornalistas – bem como as dicas sobre como abordar aos atletas paralímpicos. Não houve, portanto, uma publicação focada na adequação à linguagem paralímpica, como aconteceu na Grã-Bretanha.

Por si só, este fato não seria suficiente para afirmar que a orientação ao tratamento paralímpico foi um tema mais trabalhado pelo Comitê Paralímpico Britânico do que pelo brasileiro durante os Jogos Londres 2012. No entanto, diferente de toda a

atenção que o BPA voltou para esta causa – que fez render um guia específico de oito páginas para o tema –, o CPB direcionou uma das 230 páginas de sua publicação, conforme é possível verificar no “ANEXO B” deste trabalho (CPB, 2012, p. 20), para a abordagem ao paradesporto. Ainda que o número de linhas tenha sido significativamente menor e o conteúdo menos trabalhado, os fins eram os mesmos: orientar a imprensa rumo à naturalização do tratamento aos atletas com deficiência.

Sem os mesmos floreios e elucidações do BPA, o CPB optou por um conteúdo muito mais direto – por estar em meio a 230 páginas de conteúdos diversos, a precisão e a eficiência, com ideias sucintas, talvez tenham sido as melhores formas de informar os jornalistas. Em vez de adotar quadros com explicações e justificativas, como fez o BPA, o CPB organizou em tópicos suas “dicas” – este, inclusive, é o título da página, sem menção inicial a “abordagem” ou a “tratamento”.

As linhas de instrução foram bastante similares às do BPA: dois subtítulos separam as dicas “para uma entrevista” e “para abordar o paradesporto”. O primeiro deles faz referência às orientações quanto à conduta que deve ser seguida frente aos atletas, enquanto o segundo trata da linguagem a ser empregada na redação das matérias.

Em “para uma entrevista”, as dicas direcionam o jornalista a se portar de maneira equânime ao atleta. Sem se inferiorizar ou superiorizar, o jornalista deve, de acordo com o guia:

Procurar um local para sentar-se e ficar à mesma altura de um atleta cadeirante;
Cumprimentar os atletas, mesmo que sejam pessoas sem mãos ou cegos (nesse caso, deve-se sinalizar o cumprimento de maneira audível);
Se sentir à vontade para perguntar sobre a deficiência do atleta, sem hesitar. (CPB, 2012, p. 20)

Apesar desta terceira dica, o guia segue a mesma linha analisada no guia do BPA, de manter o foco da matéria na performance esportiva do atleta, e não em sua deficiência. Algumas palavras-ponte, que unem emissor e receptor e permitem identificar de que forma se dá essa união (JUNKES, 1994, p. 92), permitem esta afirmação. Elas aparecem, por exemplo, nas dicas encontradas em “para abordar o paradesporto”, que chamam a atenção para a possibilidade de se referir aos atletas dos Jogos Paralímpicos apenas como “atletas”, sem necessidade da especificação “atletas

com deficiência”, ou que o uso de “para-atleta” deve se restringir aos casos em que houver pouco espaço para explicar que o atleta é de determinada modalidade paralímpica. Reforçam essa ideia a afirmação de que “não é o atleta que é adaptado, mas sim a modalidade” (CPB, 2012, p. 20), e a orientação para não usar o termo “portador de necessidade especial”, mas sim “pessoas com deficiência” (CPB, 2012, p. 20), caso seja necessário.

A análise permite afirmar que, embora trilhem caminhos diferentes, seguindo estratégias particulares estabelecidas por cada um dos Comitês Paralímpicos Nacionais, os dois guias convergem para a mesma finalidade. Enquanto o CPB prefere orientar os profissionais de forma mais concisa e direta – e sem necessidade de uma publicação exclusivamente destinada a este fim –, o BPA publicou um guia mais completo e didático, com elucidações sobre as várias questões que envolvem o assunto – inclusive empregando, em determinados momentos, o humor, bem à maneira inglesa, com seu típico toque de sutileza. Na hora de justificar que se evite o termo “normal” ao se referir a atletas sem deficiência, por exemplo, o guia pergunta ao leitor se ele chamaria alguém como Usain Bolt de “normal”.

4.1 Métodos e análise dos guias para a imprensa publicados pelo BPA e pelo CPB

Conforme descrito acima, estar na mídia – e da maneira correta – é imprescindível para o sucesso do paradesporto brasileiro e para o alcance dos objetivos delimitados pelo CPB. Centralizando as páginas a seguir na imprensa brasileira, este trabalho se propõe a analisar se a iniciativa de divulgar o guia durante os Jogos Paralímpicos Londres 2012, de fato, vingou. A partir de matérias divulgadas em dois dos maiores veículos impressos do país, será observado se as orientações presentes no guia do CPB foram ou não seguidas, observando pontos críticos do documento, como os termos a serem evitados, os termos indicados para uso e o foco das matérias na performance esportiva ou na deficiência dos atletas.

O objetivo desta investigação é avaliar se o esforço empreendido ao publicar um guia e direcioná-lo aos profissionais da cobertura paradesportiva é ou não válido para o órgão publicador (neste caso, CPB e BPA). Vale ressaltar que, neste caso, os esforços para a publicação do guia, apesar dos aspectos comerciais, são também voltados para causas sociais: ajudar a mídia a compreender o paradesporto é, ao mesmo tempo, ajudá-la a entender sobre pessoas com deficiência. Como consequência, o guia publicado para

os Jogos Paralímpicos Londres 2012 pode ter influenciado e mudado, ainda que aos poucos, o dia a dia de muita gente, em conformidade com os Princípios Internacionais da Ética Profissional no Jornalismo:

Um verdadeiro jornalista zela pelos valores universais de humanismo [...]. O jornalista participa ativamente na transformação social para a melhoria democrática da sociedade e contribui em todos os lugares através do diálogo para um clima de confiança. (1983, p. 3)

Para este estudo, foi realizada uma análise do conteúdo de matérias publicadas por dois destacados jornais brasileiros: a *Folha de São Paulo* e *O Globo*. A escolha destes dois veículos foi feita com base em alguns critérios: o grau de reputação junto às audiências, a circulação considerável e o fato de serem produzidos e comercializados nos dois principais polos urbanos do país, São Paulo e Rio de Janeiro, respectivamente.

Quanto ao período de análise, foram considerados os dias que compreenderam a realização dos Jogos Paralímpicos Londres 2012, bem como o dia anterior e o posterior ao evento – portanto, entre os dias 29 de agosto e 10 de setembro de 2012. Um fato primordial levou à seleção deste período para análise: foi pensando nas matérias a serem publicadas durante estes dias que o BPA e o CPB direcionaram à imprensa seus guias. A grandiosidade do megaevento – o maior para atletas com deficiência e o segundo maior de todo o universo esportivo em números de provas e de participantes – também contribuiu fortemente para a escolha deste período, já que a publicação de matérias sobre o paradesporto tornam-se muito mais frequentes durante estes dias. É por conta dos Jogos Paralímpicos que população e mídia se interessam e voltam sua atenção para o paradesporto, tornando os guias necessários.

Foi examinado, então, o enquadramento adotado pelo caderno de esportes de cada um dos dois veículos dentro do período acima destacado, investigando o enfoque e o tratamento dado ao paradesporto e aos atletas com deficiência. O ponto-chave da investigação é a observação das orientações e dicas fornecidas pelo guia do CPB e da posterior constatação se elas foram ou não seguidas por estes veículos. As orientações a serem analisadas, bem como a justificativa do CPB para cada uma delas, estão detalhadas no quadro a seguir:

Orientações a serem observadas	Justificativa do CPB
A deficiência foi abordada na matéria? De que forma?	Não é preciso hesitar em perguntar como o atleta adquiriu a deficiência, se foi por acidente ou se é genética – mas, preferencialmente, a matéria deve abordar a deficiência de modo secundário, como informação adicional
Evitar dizer <i>portador de necessidade especial</i> – dar preferência a <i>atleta com deficiência</i> , ou simplesmente a <i>atleta</i>	O esporte paralímpico é esporte de alto rendimento para <i>pessoas com deficiência</i> .
Uso correto do termo <i>atleta paralímpico</i>	Atleta paralímpico é apenas aquele que disputou uma edição dos Jogos Paralímpicos
Uso correto do termo <i>para-atleta</i>	Não é o atleta que é adaptado, mas sim a modalidade. O uso de <i>para-atleta</i> deve se restringir aos casos em que houver pouco espaço para explicar que o atleta é de determinada modalidade paralímpica
Uso correto do nome dos esportes	Não é o atleta que é adaptado, mas sim a modalidade. Sendo assim o mais correto é utilizar Paranação, Para-Atletismo, Para-Tiro e assim por diante.

A partir destas orientações, a questão-base a ser observada – e também a principal preocupação do CPB, que o levou a publicar o guia – é se as matérias veiculadas a respeito dos atletas paralímpicos trazem a perspectiva de performance esportiva por atletas de alto rendimento ou se ocorre uma tendência ao modelo que sobrevaloriza os impedimentos e limitações dos protagonistas do evento. Segundo Marques (2014), os próprios atletas com deficiência mostram preferência por matérias que destaquem seus feitos atléticos e se incomodam com o discurso *supercrip*:

Tal evidência reforça o posicionamento político-social dos atletas em relação à valorização do modelo social de deficiência, pautado na valorização das potencialidades das pessoas com deficiência e suas diferentes possibilidades de atuação na sociedade. (...) A maioria dos atletas toma partido de uma postura ligada à valorização de sua atuação e papel social de atleta, muito mais vinculada aos feitos esportivos do que à condição de deficiência. Fica evidente o discurso de protesto em relação a uma forma de difusão de ideias pautada no modelo médico de deficiência (*supercrip*). (MARQUES, 2014, p. 1004)

4.2 Apresentação e discussão dos resultados da aplicação do guia do CPB na *Folha de São Paulo*

A observação das matérias veiculadas pela *Folha de São Paulo*¹⁸ dentro do período considerado mostra que a maior parte das orientações ditadas pelo guia do CPB foram seguidas pelo jornal. Em nenhuma das matérias foi empregado o termo *portador de necessidade especial*, e a expressão *atleta paralímpico* foi usada corretamente todas as vezes; notam-se apenas alguns desvios pontuais das dicas publicadas. Torna-se bem perceptível, no entanto, o uso desnecessário do termo “para-atleta” que foi recorrentemente empregado de maneira inadequada (de acordo com as orientações do guia) em 10 dos 13 dias de matérias analisadas.

Conforme explicitado no guia, o jornalista deve dar preferência a *atleta com deficiência* ou simplesmente a *atleta*. *Para-atleta* deve ser utilizado somente em casos específicos para poupar espaço (como se sabe, elemento valioso dos jornais), ou seja, quando for necessário especificar que está sendo reportado um *atleta com deficiência do esporte X*, mas em que não houver espaço suficiente para dizer isso. O que se vê nas matérias da *Folha*, entretanto, é o uso constante de *para-atleta* para se referir aos atletas com deficiência, reforçando o estigma de separação entre atletas com e sem deficiência, que o uso de *atleta* evitaria. Em casos como o da matéria sobre as medalhas de ouro conquistadas na bocha, encontra-se o uso indevido do termo, como na frase: “o primeiro filho do **para-atleta**, Nicolas, nasceu durante a ambientação da delegação brasileira, em Manchester, no final de agosto.”¹⁹ Neste caso, a matéria já havia apresentado o atleta Eliseu dos Santos e deixado claro que se trata de um atleta com deficiência, explicando

¹⁸ Jairo Marques, repórter enviado pela *Folha*, foi o único jornalista brasileiro cadeirante a cobrir os Jogos Paralímpicos.

¹⁹ MARQUES, Jairo. Brasil vence tchecos e é bicampeão na bocha. **Folha de São Paulo**, Londres, 05 set. 2012. Esportes, p. D3, grifo nosso.

inclusive que ele havia se tornado campeão paralímpico na bocha – não havia necessidade, portanto, de se referir a ele como *para-atleta*. Como explicita o guia do CPB, “não é o atleta que é adaptado, mas sim a modalidade” (CPB, 2012, p. 20). Ou seja: ele não é um para-atleta, ele é um atleta, que tem deficiência. Além de ser o termo mais socialmente correto neste caso – por ajudar a não reforçar a separação entre atletas com e sem deficiência – o uso de *atleta* ainda ajudaria a poupar espaço na matéria, já que suprime o prefixo *para-*.

Encontram-se casos similares de uso desnecessário do termo em várias matérias do período analisado, como nos exemplos que seguem:

“Dias, que nasceu com má formação nos braços e na perna direita e está sendo considerado pela imprensa internacional o ‘astro brasileiro’, compete pela categoria S5, que reúne **para-atletas** com deficiências motoras”,²⁰

O gaúcho Jovane Guissone, 29, conquistou ontem na Paraolimpíada de Londres um ouro inédito para o Brasil na esgrima em cadeira de rodas. [...] Foi a primeira vez, em 52 anos, que o Brasil classificou um **para-atleta** masculino para a modalidade.²¹

O parágrafo abaixo exemplifica um caso similar, porém reportado corretamente, com o uso de *atleta*. Reforça-se como o espaço utilizado é menor, como a escolha lexical está socialmente adequada e, sobretudo, como o entendimento do texto não é prejudicado:

“Os times de vôlei paralímpico podem ter no máximo dois **atletas** com inabilidades consideradas leves, e um jogador desse por vez em quadra. São seis **atletas** por time.”²²

Este é o único desvio das orientações passadas pelo CPB que aparece com grande frequência nas matérias analisadas na *Folha*. Outros desvios, pontuais, ocorreram quando duas das pautas deram maior destaque às deficiências dos atletas do que a suas conquistas esportivas. Uma delas é a da mesma matéria acima, publicada no dia 2 de setembro, sobre os atletas da seleção brasileira de vôlei sentado que, antes de sofrerem lesões, atuaram no vôlei para atletas sem deficiência. O assunto interessa ao

²⁰ MARQUES, Jairo. Daniel Dias garante 1º ouro na Paraolimpíada. **Folha de São Paulo**, Londres, 31 ago. 2012. Esportes, p. D3, grifo nosso.

²¹ MARQUES, Jairo. Esgrima rende medalha inédita para o Brasil. **Folha de São Paulo**, Londres, 06 set. 2012. Esportes, p. D3, grifo nosso.

²² MARQUES, Jairo. Vôlei tem jogadores que já foram profissionais. **Folha de São Paulo**, Londres, 02 set. 2012. Esportes, p. D4, grifo nosso.

público e não foi tratado de maneira sensacionalista. A forma como foi escrita, no entanto, leva a entender que o único ponto de interesse ao leitor é a deficiência dos atletas, além de deslizar na hora de fazer referência ao esporte para atletas com e sem deficiência, como mostra o lide abaixo:

Para garantir uma medalha inédita na Paraolimpíada, a seleção brasileira de vôlei sentado buscou inspiração nos times **convencionais**. Dois destaques, o ponta Anderson Silva, 33, e o atacante Levi Gomes, 38, já atuaram como profissionais. Mas lesões os levaram à prática da modalidade para **deficientes**.²³

Pelo lide, é possível perceber que o foco da matéria é a deficiência dos atletas, e não suas performances esportivas, como orienta o CPB. Além disso, o termo *deficiente* é inadequado e sabidamente considerado pejorativo – seguindo as orientações do guia, o redator da matéria poderia ter utilizado como alternativa a expressão *pessoas com deficiência*, por exemplo. Além disso, o termo *convencionais*, embora não conste no guia do CPB, poderia ter sido evitado e substituído por *atletas sem deficiência*, como o mesmo jornalista faz na matéria do dia 3 de setembro:

‘Quero fazer minha história dentro do esporte paraolímpico e levar meu nome para percorrer todo o mundo. Depois, quem sabe, conseguir um índice para competir um Troféu Brasil. Mas isso só depois de 2016’, declarou o medalhista, sobre correr ao lado de **atletas sem deficiência**.²⁴

Por fim, a outra orientação a ser analisada diz respeito ao emprego do nome “mais correto” (segundo o guia) dos esportes paralímpicos: todos os esportes deveriam ser acompanhados do prefixo *para-*. Em muitos momentos, a Folha utilizou o prefixo (como em *para-atletismo e para-natação*); em outros, utilizou apenas *atletismo e natação*, sem o prefixo. Embora seja um desvio da norma de orientação do guia, esta análise não considera o desvio grave para o entendimento do público. Em todos os casos em que o prefixo não foi utilizado, houve clara menção anterior ao esporte adaptado, praticado por pessoas com deficiência. Empregando, portanto, a mesma lógica utilizada para o uso de *atleta* ou de *para-atleta*, não haveria necessidade em escrever o nome do

²³ MARQUES, Jairo. Vôlei tem jogadores que já foram profissionais. **Folha de São Paulo**, Londres, 02 set. 2012. Esportes, p. D4, grifo nosso.

²⁴ MARQUES, Jairo. Brasileiro vence Pistorius e fica com o ouro. **Folha de São Paulo**, Londres, 03 set. 2012. Esportes, p. D5, grifo nosso.

esporte com o prefixo *para-*. Como o guia não deixa clara esta necessidade, esta análise considera os casos como desvio das orientações do guia, mas pondera que a ausência do prefixo não prejudica o entendimento do leitor.

Vale notar, ainda, que os Jogos Paralímpicos renderam chamada na capa principal do jornal em três dos 13 dias analisados: 5 de setembro, que fez referência ao bom desempenho brasileiro no dia anterior de competições, com sete medalhas; 6 de setembro, com destaque à história do atleta italiano do paraciclismo Alessandro Zanardi²⁵; e 10 de setembro, que mostrou a festa de encerramento dos Jogos e uma matéria com o balanço do desempenho do Brasil no evento, o melhor da história do país em número de medalhas de ouro conquistadas.

Dentro do caderno Esporte, os Jogos Paralímpicos renderam capa em um dos 13 dias analisados: em 4 de setembro, com a vitória de Alan Fonteles sobre Oscar Pistorius (vide página 18). Dos outros 12 dias, dois tiveram matérias de mais de meia página, com foto. Outros sete ocupavam pelo menos um terço da página (apenas um desses dias sem foto), enquanto os outros três reservaram o espaço de uma coluna para os Jogos Paralímpicos.

Em todas as matérias, a assinatura do autor do veio acompanhada do texto “o repórter viaja a convite do Comitê Paraolímpico Brasileiro”. A opção da *Folha* de explicitar o convite faz com que o público conheça o objetivo da estratégia de comunicação do CPB (mencionada anteriormente, no capítulo 3) de levar jornalistas para cobrir os Jogos Paralímpicos.

4.3 Apresentação e discussão dos resultados da aplicação do guia do CPB em *O Globo*

Assim como na *Folha*, as matérias publicadas pelo *Globo* dentro do período considerado também seguiram a maior parte das dicas fornecidas pelo guia do CPB. O termo *portador de necessidade especial* não apareceu nenhuma vez nas 16 páginas com matérias a respeito dos Jogos Paralímpicos analisadas. Todas foram acompanhadas de fotos, e 13 delas ocuparam, cada uma, cerca de 80% da página do jornal. Apenas uma teve tamanho um pouco reduzido, com cerca de metade da página. As outras duas

²⁵ Zanardi é um ex-piloto de automobilismo que perdeu as pernas em acidente durante uma corrida da Fórmula Indy, em 2001, e tornou-se campeão paralímpico em Londres, no paraciclismo

ocuparam 100% da página de texto, sendo que uma foi capa do caderno de Esportes, no dia 6 de setembro, também com a história de Alessandro Zanardi.

A deficiência dos atletas foi tratada como assunto secundário nos textos, com apenas uma exceção. No dia 2 de setembro, o foco do texto foi a lesão de alguns atletas da seleção brasileira de vôlei sentado. A razão do enfoque, no entanto, é o contrário do que se espera para uma matéria sensacionalista sobre o assunto: em vez de serem impactantes, as lesões são pouco perceptíveis. Apesar de não ser o enfoque ideal que o CPB imaginou para as matérias divulgadas neste período, que prefere textos que tratem do rendimento esportivo, não se pode dizer que o objetivo de se afastar do sensacionalismo sobre as lesões não foi atingido em ambos os veículos analisados.

Diferente de como foi publicado na *Folha*, *O Globo* priorizou em todas as suas matérias o uso do termo *atleta*, em vez de *atleta com deficiência* ou *para-atleta*, em adequação à orientação publicada no guia. Chama a atenção, no entanto, uma única exceção detectada neste ponto de análise.

Hoje, na pista, uma das atrações será o velocista sul-africano Oscar Pistorius, recordista mundial dos 100m, 200m e 400m (T43) e primeiro **paratleta** a participar de uma Olimpíada.²⁶

Apenas nesta publicação (e, dentro do mesmo texto, apenas neste caso), foi usado o termo *paratleta*. Foi entendido que o prefixo *para-* foi empregado para ressaltar que Pistorius seria o primeiro esportista com deficiência do atletismo a participar de uma edição dos Jogos Olímpicos, correndo contra atletas sem deficiência. A escrita sem hífen mostra que *O Globo* opta pela composição por aglutinação do prefixo com o radical, ao contrário da composição por justaposição (*para-atleta*) indicada pelo CPB. Com ou sem hífen, o termo não é ideal conforme o guia. O jornal poderia ter dado preferência a *atleta com deficiência* (notando-se que havia espaço suficiente para esta utilização), opção que tornaria, inclusive, a compreensão do texto mais clara para o leitor.

O termo paralímpico como referência apenas aos Jogos Paralímpicos (e não ao paradesporto, de maneira geral) também foi respeitado em quase todos os casos. A exceção aconteceu no dia 2 de setembro:

" – Parei de crescer mas não entrei no esporte **paralímpico** por causa disso."²⁷

²⁶ KNOPOCH, Carol. Ouro, recorde mundial e lágrimas. *O Globo*, Londres, 01 set. 2012. Esportes, p. 5, grifo nosso.

Ainda que não seja um termo que com conotação social negativa para as pessoas com deficiência, está em desacordo às orientações do guia oficial do CPB. Seu emprego é justificado por se tratar das aspas de um atleta – portanto, vale notar, neste caso, que o próprio atleta da delegação paralímpica brasileira não segue as recomendações do CPB para a referência ao paradesporto. Isso evidencia a complexidade do assunto em questão – e, ao mesmo tempo, a importância dos guias de imprensa para os órgãos oficiais.

Da mesma forma como fez a *Folha*, as matérias do *Globo* traziam o nome dos esportes paralímpicos desacompanhados do prefixo *para-* (apenas *natação*, ou *atletismo*), com algumas exceções, como *paraciclismo*. A análise é, dessa forma, a mesma que foi feita com as matérias da *Folha*: embora seja um desvio da norma de orientação do guia, o entendimento da matéria por parte do público não é prejudicado e, por isso, o desvio não é considerado grave por essa análise. Em todos os casos em que o prefixo não foi utilizado, houve clara menção anterior ao esporte adaptado, praticado por pessoas com deficiência, eliminando qualquer confusão que poderia haver com o esporte para pessoas sem deficiência. Empregando, portanto, a mesma lógica utilizada para o uso de *atleta* ou de *para-atleta*, não haveria necessidade de escrever o nome do esporte com o prefixo *para-*. Os casos analisados são desvios das orientações do guia, mas cabe a ponderação de que a ausência do prefixo não prejudica o entendimento do leitor.

Os casos de maior desvio das orientações do guia nas matérias do *Globo* dizem respeito aos termos utilizados para se referir aos atletas dos Jogos Paralímpicos. Conforme o guia, o termo ideal é apenas *atleta*. Caso haja necessidade de especificar, pede-se que seja usado preferencialmente *atleta com deficiência*; *para-atleta* apenas se o espaço for reduzido. No entanto, embora quase não tenha utilizado o termo *para-atleta* (ou *paratleta*), *O Globo* recorrentemente lançou mão de outros termos que reforçam o estigma das pessoas com deficiência e que podem ser encarados de forma negativa por muitos deles.

“Edênia Nogueira Garcia também subiu ao pódio, ontem. Foi prata nos 50m costas (S4), atrás da holandesa Lisette Teunissen (51s51). **A cadeirante**, que já havia feito o terceiro melhor tempo das eliminatórias, nadou a prova em 53s85”,²⁸

“Londres é o berço do **esporte para deficientes**”,²⁹

²⁷ KNOPOCH, Carol. Gigantes das quadras e peixes for a d’água no vôlei sentado. *O Globo*, Londres, 02 set. 2012. Esportes, p. 7, grifo nosso.

²⁸ KNOPOCH, Carol. Com mais um ouro, Daniel Dias iguala recorde de pódios. *O Globo*, Londres, 07 set. 2012. Esportes, p. 5, grifo nosso.

“Terezinha Guilhermino foi ouro (24s82, recorde paralímpico), seguida por Jerusa dos Santos, prata (23s62), na prova dos 200m (T11, **para deficientes visuais**).”³⁰

No primeiro caso acima, ainda que a informação sobre a atleta da natação ser ou não cadeirante não traga nenhuma pertinência para sua performance esportiva, o emprego justifica-se por se tratar de mais um conhecimento fornecido ao leitor, acerca do tipo de deficiência da atleta (que é nos membros inferiores, não nos superiores). Para estar de acordo com o guia do CPB, no entanto, a referência deveria ter sido feita de outra forma, deixando o termo *cadeirante* em segundo plano na construção da frase, como aposto, por exemplo.

Já nos dois últimos casos, o termo *deficiente* nunca é o mais adequado, já que sempre haverá a alternativa de escrever *com deficiência*, que, segundo o guia, é preferível. O próprio *O Globo*, em matérias assinadas pela mesma repórter, aplicou os mesmos termos seguindo as orientações do guia em situações idênticas às de acima.

“O maior evento esportivo para **atletas com deficiência** se encerra hoje, com festa no Estádio Olímpico”;³¹

“Outro destaque deverá ser Terezinha Guilhermino (T11; **atletas com deficiência visual**).”³²

A comparação mostra como o texto fica menos impactante para o leitor quando o veículo opta por *atletas com deficiência*, sem reforçar a visão já arraigada socialmente sobre as pessoas com deficiência. Fica claro o porquê de o guia orientar para o uso destas expressões e o motivo de as próprias pessoas com deficiência rejeitarem o uso de *deficientes*. Casos como estes, em que o veículo utiliza mais de uma forma de referir aos atletas com deficiência durante uma mesma competição, passam a impressão de que o jornal não tem a dimensão da importância e da delicadeza do assunto em questão, em que a escolha lexical pode fazer a diferença para muita gente.

De forma parecida (mas com termos sobre os quais o guia não faz referência), *O Globo* escreve de duas maneiras diferentes sobre o esporte para atletas sem deficiência:

“(...) já que só vestiram a camisa da seleção brasileira em categorias de base do **vôlei convencional**”;³³

²⁹ KNOPLCH, Carol. Esporte e superação sob nova luz. **O Globo**, Londres, 29 ago. 2012. Esportes, p. 6, grifo nosso.

³⁰ KNOPLCH, Carol. Público torce por Pistorius e aplaude Alan. **O Globo**, Londres, 03 set. 2012. Esportes, p. 6, grifo nosso.

³¹ KNOPLCH, Carol. Brasil dá adeus a Londres com Tito e Ozivam. **O Globo**, Londres, 09 set. 2012. Esportes, p. 5, grifo nosso.

³² KNOPLCH, Carol. Ouro, recorde mundial e lágrimas. **O Globo**, Londres, 01 set. 2012. Esportes, p. 5, grifo nosso.

"(...) mas o desempenho do Brasil foi sete vezes melhor do que o olímpico: 21 ouros contra três dos **não portadores de deficiência**.”³⁴

Convencional, de acordo com o dicionário Caldas Aulete, é “o que corresponde a padrões já estabelecidos”³⁵. Embora seja inegavelmente verdadeiro (já que o paradesporto é o esporte adaptado a partir do esporte praticado dentro de padrões já estabelecidos), chamar o esporte praticado por pessoas sem deficiência de *esporte convencional* pode ser visto como arrogante ou soar um pouco desrespeitoso às pessoas com deficiência, por reforçar a característica da deficiência das pessoas que não o praticam. O termo *portadores* também não é adequado. De acordo com as dicas publicadas pelo CPB, a orientação para casos como estes é utilizar *atletas com/sem deficiência*.

Vale notar que, assim como a *Folha*, *O Globo* optou por explicitar ao público o convite do CPB de levar jornalistas para cobrir os Jogos Paralímpicos. Em todas as matérias, a inscrição da autoria veio acompanhada do texto “a repórter viaja a convite do Comitê Paralímpico Brasileiro”.

4.4 A preparação para os Jogos Rio 2016

Em 2016, pela primeira vez os Jogos Olímpicos e Paralímpicos chegarão à América do Sul, e será do Rio de Janeiro a missão de sediar, em sequência, dois dos maiores eventos esportivos do planeta. Ambos os Jogos requerem profunda preparação e organização quanto à acessibilidade; para os Jogos Paralímpicos, há ainda maior preocupação, já que os protagonistas do evento são pessoas com deficiência.

Sabe-se que ainda há muito o que ser feito para adequar todos os setores da cidade às pessoas com qualquer tipo de deficiência. No que tange à comunicação, vê-se que o Comitê Organizador Rio 2016 tem se esforçado para que a linguagem utilizada esteja apropriada à maneira mais correta de se referir às pessoas com deficiência, com dois guias internos.

O primeiro deles pode ser encontrado nos treinamentos à disposição dos funcionários do Comitê. Um deles é sobre Diversidade e Acessibilidade, que conta com um documento intitulado *Atendimento às pessoas com deficiência*, conforme é possível

³³ KNOPLUCH, Carol. Gigantes das quadras e peixes fora d'água no vôlei sentado. *O Globo*, Londres, 02 set. 2012. Esportes, p. 7, grifo nosso.

³⁴ KNOPLUCH, Carol. Fecho de ouro na maratona triunfal. *O Globo*, Londres, 10 set. 2012. Esportes, p. 6, grifo nosso.

³⁵ Disponível em: <http://www.aulete.com.br/convencional> Acesso em: 23/05/2015.

verificar no “ANEXO C” deste trabalho (RIO 2016, 2013). Com quatro páginas, divide-se em seis partes. A primeira, de introdução, traz dicas gerais, depois das quais seguem as orientações para: *peçoas cegas ou com deficiência visual; peçoas com deficiência física e motora; peçoas com paralisia cerebral; peçoas surdas ou com deficiência auditiva; e peçoas com deficiência intelectual.*

Separadas em tópicos, são, ao todo, 36 dicas com o objetivo de “oferecer a todos eles um ambiente inclusivo, contribuindo para o bem-estar e promovendo uma experiência única para todos” (RIO 2016, 2013, p. 1), como essas a seguir:

“Fique à vontade para usar palavras como *veja* e *olhe*.” (RIO 2016, 2013, p. 2) [com peçoas cegas ou com deficiência visual].

“Ao conversar com uma peçoas em cadeira de rodas, se possível, sente-se, para que ambos fiquem no mesmo nível.” (RIO 2016, 2013, p. 2)

“Seja expressivo ao falar, com movimentos faciais e corporais” (RIO 2016, 2013, p. 3) [com peçoas surdas ou com deficiência auditiva].

Bastante elucidativo, o guia é muito mais detalhado e completo que a página de dicas dentro do guia de 230 laudas do CPB. Vale lembrar que ambos foram publicados em épocas diferentes, com objetivos distintos: enquanto este é um treinamento a longo prazo para os funcionários do Comitê Rio 2016, o do CPB era um guia de resultados a curto prazo voltado para a imprensa.

No documento *Atendimento às peçoas com deficiência* não há, no entanto, qualquer orientação quanto à linguagem escrita para se referir a peçoas com deficiência – estas constam no Manual de Estilo Rio 2016, conforme é possível verificar no “ANEXO D” deste trabalho (RIO 2016, 2015, p. 19). Uma das sete divisões do documento de 42 páginas é a de Terminologia; dentro dela, há um tópico específico para a “Terminologia paralímpica”, com uma página de orientações, como:

Use *atleta com deficiência* ou defina o tipo de deficiência, como, por exemplo, *atleta com deficiência visual*. Jamais use *atleta deficiente* nem *atleta portador de deficiência* ou *atleta portador de necessidades especiais*;

O termo *para-atletas* não deve ser usado. (RIO 2016, 2015, p. 19)

Ainda que sejam voltados para uma preparação interna, os documentos permitem afirmar que o Comitê Rio 2016 preocupa-se com a causa social das peçoas com deficiência e faz esforços para que seu quadro de funcionários esteja pronto para atendê-las durante os Jogos Rio 2016. Pouco esforço ainda se vê, no entanto, em

publicações externas, para qualquer meio de imprensa que queira divulgar ao público algum conteúdo referente ao paradesporto. Na verdade, há pouco material publicado que exija orientação: excetuando-se o curto período dos Jogos Paralímpicos, o paradesporto pouco aparece na mídia.

Espera-se que, até os Jogos Rio 2016, Comitês, poder público e imprensa se esforcem cada vez mais para que o paradesporto ganhe espaço nos veículos midiáticos e que a comunicação durante os Jogos Olímpicos e Paralímpicos do Rio de Janeiro seja a mais adequada possível não só às pessoas com deficiência, mas a toda a pluralidade de público que certamente estará presente na cidade e fará parte dos megaeventos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao veicular qualquer tipo de informação, a mídia institui uma espécie de contrato social, um vínculo com o receptor de sua mensagem. Quando retrata um acontecimento, a mídia não está apenas levando ao receptor uma informação sobre algo que aconteceu, como pode utopicamente ser sugerido. A mídia não é apenas uma reprodutora de informações – é também uma produtora de sentidos, que inevitavelmente distancia-se da imaginada objetividade jornalística: a produção das notícias é realizada por um indivíduo social, que utiliza estratégias e conhecimentos próprios para estabelecer seu modo de dizer e de produzir sentido.

É possível afirmar que os meios de comunicação exercem grande influência sobre o modo de pensar e agir da sociedade em seus mais diversos setores. Não seria diferente no que diz respeito à representação das pessoas com deficiência: além de refletir as percepções do público, os profissionais da comunicação têm um papel fundamental na formulação destas percepções.

Existe uma luta histórica no que diz respeito à aceitação e à inclusão das pessoas com deficiência na sociedade – e a mídia é um dos principais palcos desta disputa. É nos veículos de comunicação que as minorias buscam espaço para aparecer e dar voz à sua causa. Os minutos de transmissão dos telejornais e as páginas de impressos e web retratam metaforicamente a causa pela qual lutam as minorias: querem aparecer para a sociedade, falar e ser ouvidas democraticamente, incluir-se igualitariamente no espaço social em que vivem.

Se a mídia tem o poder de influenciar a forma como as pessoas se posicionam frente ao espaço social – inclusive sobre as pessoas com deficiência –, os Jogos Paralímpicos assumem importância fundamental nesta causa. O maior evento do mundo onde as pessoas com deficiência são os protagonistas, que a cada edição ganha mais importância, horas e espaço de transmissão, representa, de quatro em quatro anos, o ápice da afirmação social da minoria em questão. É preciso aproveitá-lo da melhor maneira possível para lutar pelas causas sociais que um evento desta magnitude invariavelmente carrega consigo.

Assim como o olimpismo, o movimento paralímpico está inegavelmente correlacionado a aspectos comerciais – nada que impeça, no entanto, grandes avanços no âmbito social. Um deles é a forma como a mídia se refere às pessoas com deficiência, principal questão que motivou este trabalho. Muitas investigações sugerem

que as pessoas com deficiência são representadas de forma negativa pelos meios de comunicação em geral, através de terminologia inadequada e de estereótipos que enfatizam a deficiência, e não o atleta. Para tentar reverter esta situação, entram em campo os guias voltados à imprensa publicados por veículos oficiais, que têm o objetivo de ajudar a mídia a compreender o paradesporto (que pouco ganha espaço na mídia fora do período dos Jogos Paralímpicos) e orientá-la a abordar e se referir da melhor maneira possível aos atletas e pessoas com deficiência, através de dicas e sugestões.

O ponto-chave do conteúdo aqui analisado foi investigar se os veículos de imprensa que fizeram a cobertura dos Jogos Paralímpicos Londres 2012 seguiram as orientações veiculadas pelo Comitê Paralímpico Brasileiro. Conforme demonstrado, a maior parte das dicas foi seguida tanto pelo *Globo* como pela *Folha de São Paulo*. O resultado indica que é válido o esforço empregado pelos órgãos oficiais em elaborar um guia voltado à imprensa que oriente a melhor maneira de abordar determinado assunto – que, neste caso, ganha ainda maior relevância por estar diretamente relacionado numa importante causa de inclusão e aceitação social.

As reportagens e respectivas análises apresentadas neste trabalho podem contribuir para uma melhor referência ao modelo social de deficiência, no sentido de mudar a forma como a sociedade percebe e inclui as pessoas com deficiência. Neste sentido, o método de pesquisa proporcionou destaque de diferentes pontos de vista e termos utilizados pelos autores das reportagens analisadas, de modo a agrupar consensos e levantar questões sobre algumas divergências entre os textos observados.

O fato de não haver consenso e maneira única de escrever sobre o mesmo assunto demonstra não só a complexidade do tema em questão, mas a necessidade de orientação e maior divulgação de informações sobre o tema, visto que as diferentes perspectivas podem resultar em diversas consequências para as pessoas com deficiência, principalmente quanto à inclusão social como cidadãos, de fato, plenos.

Estamos às vésperas da realização dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos no Rio de Janeiro – sem dúvida, o assunto aqui discutido estará cada vez mais em voga nos próximos meses. Espera-se que os resultados deste trabalho possam oferecer subsídio e base para novas pesquisas sobre o tema e auxiliar de alguma forma a ressignificação das pessoas com deficiência em nossa sociedade. Potencial geradora de emoção, a poderosa relação entre mídia e esporte pode e merece ser revista, de modo que ofereça cada vez mais profundas reformulações sociais e fomente as mudanças positivas no dia a dia de milhares de pessoas, como é capaz de oferecer.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARANHA, Maria Salete Fábio. A deficiência através da história. *Temas em Psicologia*, Ribeirão Preto, n.2, p. 63-70, 1991.

ATENDIMENTO ÀS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA – TREINAMENTO SOBRE DIVERSIDADE E ACESSIBILIDADE. Rio de Janeiro: RIO 2016, 2012, 4 p.

BARBALHO, Alexandre. Cidadania, Minorias e Mídia. IN: BARBALHO, Alexandre; PAIVA, Raquel. (Org.). *Comunicação e cultura das minorias*. São Paulo: Editora Paulus, 2005, p. 27-37.

BENFICA, Dallila Tâmara. *Esporte paralímpico: analisando suas contribuições nas (re)significações do atleta com deficiência*. 2002, 115 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2012.

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a Televisão, seguido de a influência do jornalismo e os Jogos Olímpicos*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1997, 143 p.

BRITISH PARALYMPIC ASSOCIATION GUIDE TO REPORTING ON PARALYMPIC SPORT. Londres: BPA, 2012, 8 p.

BUSTO, Rosângela Marques. *A deficiência e o esporte Paraolímpico*. In: Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial, 6., 2011, Londrina. Anais... Londrina: UEL, Centro de Educação Física e Esporte, 2011, p. 1-23.

CAVALCANTI, Fabiane Gonçalves. Organização textual da notícia: uma análise da TV e do jornal. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; HOFFNAGEL, Judith; BARROS, Kazuê Saito Monteiro de. (Org.). *Um linguista, orientações diversas*. Recife: Editora UFPE, v.1, 2009, p. 299-323.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das Mídias*. São Paulo: Editora Contexto, 2006, 283 p.

CÓDIGO DE ÉTICA DOS JORNALISTAS BRASILEIROS. Vitória: Federação Nacional dos Jornalistas, 2007, 4 p.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO – QUATRO ANOS DE VITÓRIAS: 2009-2012. Brasília: Editora CPB, 2013, 100 p.

CONDE, Antonio João Menescal; SOBRINHO, Pedro Américo de Souza; SENATORE, Vanilton. *Introdução ao movimento paraolímpico: manual de orientação para professores de educação física*. Brasília: Editora CPB, 2006.

DIJK, Teun Adrianus Van. *Discurso e Poder*. São Paulo: Editora Contexto, 2008, 281p.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. Representações, mediações e práticas comunicativas. In: PEREIRA, Miguel; GOMES, Renato Cordeiro; FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. (Org.). *Comunicação, representação e práticas sociais*. Rio de Janeiro; Aparecida: Editora PUC-RIO; Editora Idéias&Letras, 2004, 1ed., v.1, p. 13-26.

GUIA PARA A IMPRENSA. Brasília: Editora CPB, 2012, 230 p.

HILGEMBERG, Tatiane. *Olimpíadas e Paraolimpíadas – uma correlação com a mídia*. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 28., Encontros Especiais: Intercom Júnior, 3., 2013, Rio de Janeiro. Anais... Juiz de Fora: UFJF, Faculdade de Comunicação Social, 2013, p. 1-10.

JUNKES, Terezinha Kuhn. A práxis da norma – questão do discurso jornalístico. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v.24, p. 91-105, 1994.

KNOPLOCH, Carol. Brasil dá adeus a Londres com Tito e Ozivam. *O Globo*, Rio de Janeiro, 09 set. 2012. Esportes, p. 5.

KNOPLOCH, Carol. Com mais um ouro, Daniel Dias iguala recorde de pódios. *O Globo*, Rio de Janeiro, 07 set. 2012. Esportes, p. 5.

KNOPLOCH, Carol. Esporte e superação sob nova luz. *O Globo*, Rio de Janeiro, 29 ago. 2012. Esportes, p. 6.

KNOPLOCH, Carol. Fecho de ouro na maratona triunfal. *O Globo*, Rio de Janeiro, 10 set. 2012. Esportes, p. 6.

KNOPLOCH, Carol. Gigantes das quadras e peixes for a d'água no vôlei sentado. *O Globo*, Rio de Janeiro, 02 set. 2012. Esportes, p. 7.

KNOPLOCH, Carol. Ouro, recorde mundial e lágrimas. *O Globo*, Rio de Janeiro, 01 set. 2012. Esportes, p. 5.

KNOPLOCH, Carol. Público torce por Pistorius e aplaude Alan. *O Globo*, Rio de Janeiro, 03 set. 2012. Esportes, p. 6.

LIMA, Edilene José Esteves. *Atletismo Paraolímpico: uma opção de conteúdo para inclusão de pessoas com deficiência física e visual no programa esporte esperança / segundo tempo*. 2007, 52 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Especialização em Esporte Escolar) – Centro de Educação à Distância da Universidade de Brasília, Belo Horizonte, 2007.

LIMA, Marcos Henrique Carvalho. *A Mídia e o Paradesporto: a percepção da deficiência visual pelos meios de comunicação*. 2007, 55 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

MANUAL DE ESTILO RIO 2016. Rio de Janeiro: RIO 2016, 2015, 40 p.

MARQUES, Jairo. Brasil vence tchecos e é bicampeão na bocha. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 05 set. 2012. Esportes, p. D3.

MARQUES, Jairo. Brasileiro vence Pistorius e fica com o ouro. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 03 set. 2012. Esportes, p. D5.

MARQUES, Jairo. Daniel Dias garante 1º ouro na Paraolímpíada. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 31 ago. 2012. Esportes, p. D3.

MARQUES, Jairo. Esgrima rende medalha inédita para o Brasil. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 06 set. 2012. Esportes, p. D3.

MARQUES, Jairo. Vôlei tem jogadores que já foram profissionais. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 02 set. 2012. Esportes, p. D4.

MARQUES, Renato Francisco Rodrigues; et al. A abordagem midiática sobre o esporte paralímpico: o ponto de vista de atletas brasileiros. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v.20, n.3, p. 989-1015, jul./set. de 2014.

MARQUES, Renato Francisco Rodrigues; et al. Mídia e movimento paralímpico no Brasil: relações sob o ponto de vista de dirigentes do Comitê Paralímpico Brasileiro. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v.27, n.4, p. 583-596, out./dez. de 2013.

MELLO, Marco Túlio de; WINCKLER, Ciro. *Esporte Paralímpico*. São Paulo: Editora Atheneu, 2012, 254 p.

MESQUITA, Flávio Agnelli; TSUTSUI, Ana Lúcia Nishida. *A Comunicação Oficial dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016: infraestrutura e transparência como pautas centrais*. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 37., 2014, Foz do Iguaçu. Anais... São Paulo: Universidade Nove de Julho, 2014, p. 1-12.

PARSONS, Andrew; WINCKLER, Ciro. Esporte e a pessoa com deficiência. In: MELLO, Marco Túlio de (org.). *Esporte paralímpico*. São Paulo: Editora Atheneu, 2012, p. 3-11.

PRINCÍPIOS INTERNACIONAIS DA ÉTICA PROFISSIONAL NO JORNALISMO. Cidade do México, 1980, 4 p.

SCHAUN, Ângela. Inclusão cultural e mídia: um olhar. IN: BARBALHO, Alexandre; PAIVA, Raquel. (Org.). *Comunicação e cultura das minorias*. São Paulo: Editora Paulus, 2005, p. 169-187.

SODRÉ, Muniz. Por um Conceito de Minoria. IN: BARBALHO, Alexandre; PAIVA, Raquel. (Org.). *Comunicação e cultura das minorias*. São Paulo: Editora Paulus, 2005, p.11-14.

TEDESCO, Maria Teresa. Mídia, Língua, Cultura e Ideologia. In: VALENTI, André. (Org.). *Língua Portuguesa e identidade: marcas culturais*. Rio de Janeiro: Kaetés, 2007, p. 1-213.

REFERÊNCIAS DA INTERNET:

BRITISH PARALYMPIC ASSOCIATION GUIDE TO REPORTING ON PARALYMPIC SPORT. Londres: BPA, 2012, 8 p. Disponível em: <http://paralympics.org.uk/uploads/documents/imported/ParalympicsGB_Guide_to_Reporting_on_Paralympic_Sport_-_June_2012.pdf>, acesso em 16 de março de 2015.

DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Brasil: eBooks Brasil, 2003, 140 p. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.com/eLibris/socespeticulo.html>>, acesso em: 25 de março de 2015.

IPC Media Center. *London 2012 Paralympics proves a worldwide TV ratings winner*. Disponível em: <<http://www.paralympic.org/press-release/london-2012-paralympics-proves-worldwide-tv-ratings-winner>>, acesso em 25 de março de 2015.

IPC Media Center. *No.25: Rio 2007 Parapan American Games*. Disponível em: <<http://www.paralympic.org/feature/no25-rio-2007-parapan-american-games>>, acesso em 24 de março de 2015.

MARQUES, Renato Francisco Rodrigues. Os Jogos Paralímpicos como espaço de reflexão. *Revista Virtual Pré-Univesp*, n.40, jul. 2014. Disponível em: <<http://pre.univesp.br/os-jogos-paralimpicos#.VPNiYvnF-So>>, acesso em 14 de abril de 2015.

Notícias Comitê Rio 2016. *Entrevista: Andrew Parsons, Presidente do Comitê Paralímpico Brasileiro*. Disponível em: <<http://www.rio2016.org.br/noticias/noticias/entrevista-andrew-parsons-presidente-do-comite-paralimpico-brasileiro>>, acesso em 25 de março de 2015

Os Jogos Olímpicos – Site do Comitê Rio 2016. Disponível em: <<http://www.rio2016.com/os-jogos/olimpicos>>, acesso em 20 de março de 2015.

Site do Comitê Paralímpico Brasileiro. Disponível em: <<http://www.cpb.org.br>>, acesso em 15 de novembro de 2014.

Site do Comitê Paralímpico Internacional. Disponível em: <<http://www.paralympic.org>>, acesso em 15 de novembro de 2014.

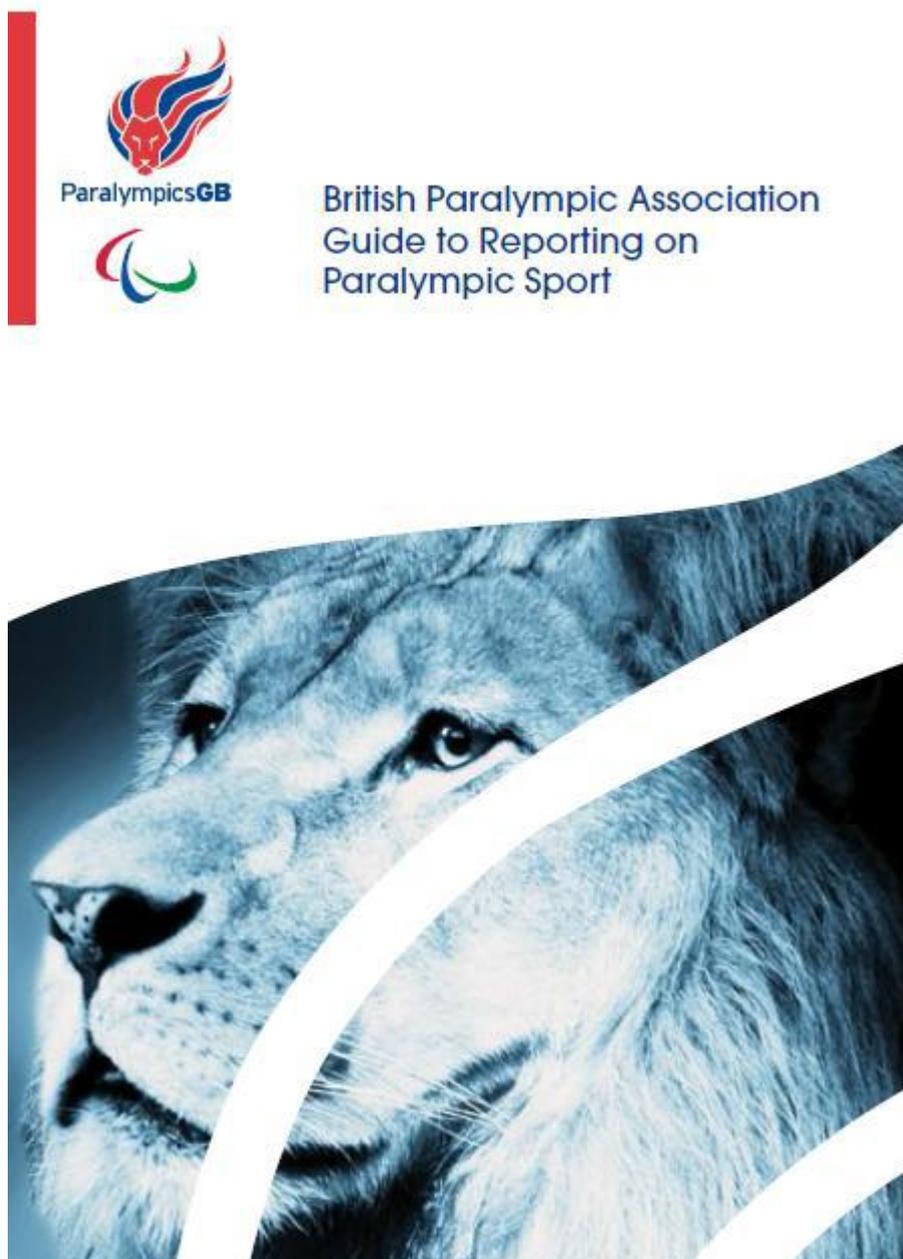
Site do Comitê Rio 2016. Disponível em: <<http://www.rio2016.org>>, acesso em 15 de novembro de 2014.

Site do Dicionário Caldas Aulete. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br>>, acesso em 23 de maio de 2015.

THE PARALYMPIAN. *Newsletter do Comitê Paralímpico Internacional*, n. 2, fev. 2005, 12 p. Disponível em: <http://www.paralympic.org/sites/default/files/magazine/120209192146951_paralympian_2005_2.pdf>, acesso em 15 de março de 2015.

7. ANEXOS:

ANEXO A - British Paralympic Association guide to reporting on Paralympic sport.



Dear media colleagues,

The London 2012 Paralympic Games present a fantastic opportunity to raise the profile of Paralympic sports and athletes.

We are conscious however, that for many journalists this may be your first time reporting on the Paralympic Games or disability sport. The BPA wants to support your engagement by helping to ensure that the correct terminology is used.

As a result, we have produced this reference guide which is designed to help media with the language of Paralympic sport.

This document matters. The Paralympic Games are already the world's second largest sporting event by athlete number, featuring elite performers who train just as hard as their Olympic counterparts.

We believe it is crucial that Paralympic athletes are therefore portrayed or referred to as elite athletes first and foremost, rather than seen primarily as people who have overcome great adversity.

While that is undoubtedly part of the story, nothing irritates world class Paralympic athletes more than being patronised or pitied, or made to feel that their impairment is being utilised ultimately to define them or their achievements.

Performance, sporting ambition, training, competition and the emotions associated with winning and losing are all relevant subjects that our athletes and sports would expect to focus on. Anything specifically relating to, or focussing on, an elite athlete's impairment is generally considered unnecessary, and certainly secondary, and should really only be considered within a sporting context.

With this guide, our ambition is to provide an easy-to-use reference document which can be used by everyone in the media to report accurately and appropriately on the Paralympic Games and on wider disability subjects.

We hope it therefore proves valuable to you in the coming months. Only with your help and support in raising the profile of British Paralympic athletes and their phenomenal sporting achievements, can the BPA achieve its vision of positively affecting the way that British society thinks, feels and behaves towards disabled people in general.



Tim Hollingsworth

LANGUAGE: Describing athletes

Description	Correct	Incorrect	Why not?
An athlete who has competed at a Paralympic Games.	Paralympian	Para-Olympian, Para-olympian, Para-athlete, Para-athlete Olympian etc	These are all misspellings or misunderstandings of Paralympian
A disabled athlete who is likely to be selected for a Paralympic Games	Paralympic hopeful	Paralympian	Paralympian should not be used to describe any, or all, other disabled people that compete in sport at any other level.
A disabled athlete	Disabled athlete, or just athlete	Paralympian, Paralympic hopeful	Paralympian, Paralympic hopeful should not be used to describe any, or all, other disabled people that compete in sport at any other level.
A Paralympian who has retired	Retired Paralympian	Former Paralympian, Ex-Paralympian	Paralympian is a title for life, it is not removed after retirement. If an athlete was not a Paralympian, simply say retired athlete.
An athlete who has been selected to compete at an Olympic Games	Olympian		In rare cases (for example: Natalie Du Toit of South Africa) athletes have competed in both the Olympic and Paralympic Games. Natalie is both an Olympian and a Paralympian.

The title Paralympian is a specific one and, just like other important titles such as Lord, Professor, Doctor and Baroness, should be used in its appropriate context.

The Olympic and Paralympic Games

Both the Olympic Games and the Paralympic Games are large international multi-sport events, held in the same city, often in the exact same sporting venues a few weeks apart.

However they are not the same. Both Games have separate histories, separate identities and separate global governing bodies in the International Olympic Committee and International Paralympic Committee respectively.

You should therefore refer to the Olympic and Paralympic Games by their respective names. Some media refer to the Olympic Games as the 'main Games', which is not acceptable and derogatory to all involved.

Description	Correct	Incorrect	Why not?
The team name for the Paralympic team of Great Britain and Northern Ireland	ParalympicsGB	Team GB	The British Paralympic team is different from the British Olympic team and so, unsurprisingly, has a different name.
The organisation responsible for the Paralympic movement in the UK	British Paralympic Association, BPA	British Olympic Association, BOA	The British Olympic Association and British Paralympic Association are different organisations, although we often collaborate.
The Paralympic Games	The Paralympic Games	Para Olympics, Para-Olympics, Paraplegic Olympics, Olympic Games	The term "Paralympics" derives from "Parallel Olympics".

The National Paralympic Committee for the UK is the British Paralympic Association, while the British team is called ParalympicsGB. Paralympic does not have an 'o' in it.

Describing medical conditions

The Ideal

Paralympic athletes want to be referred to as elite athletes first and foremost and as disabled people secondarily - if at all. Therefore the ideal way to refer to a Paralympian or Paralympic hopeful is as 'a Paralympian', 'a Paralympic hopeful' or 'an athlete'.

Often it is **not necessary** to refer to an athlete's impairment. Where you feel you need to refer to an athlete's impairment, a passing reference is always preferable to going into detail.

We believe information on impairment is irrelevant to an athlete's achievements. If you want to include it, try to make sure it is a reference rather than the focus of the article.

Preferred terms

Description	Correct	Incorrect	Why not?
To describe a person who has an impairment	Disabled person	Person with a disability	This is in line with the Equality Act 2010
To describe a person who is not disabled	Non-disabled person	Able-bodied, normal	"Non-disabled" gives a clearer distinction as to what you are describing than "able bodied"
A phrase to describe an impairment	A person/athlete who has a spinal cord injury, a person/athlete with paraplegia	A spinal injury athlete, a paraplegic	A person might have an impairment or medical condition but it does not actually define them as a person. Avoid describing the person as an impairment.
A phrase to describe someone who uses a wheelchair, either occasionally for additional mobility or independence, or for everyday living needs or independence.	Wheelchair user or a person who uses a wheelchair	Wheelchair bound, confined to a wheelchair	Terms like "bound" or "confined" should be avoided as they infer entrapment. Instead a wheelchair is an aid or tool, which a person uses.

Language is important and can help shift perceptions of disabled people. Please support us by using the right language in your articles.

Further phrases to avoid

Phrase / word	Why avoid?
Suffers from, afflicted with, victim of	These portray the individual as being in a weak, frail or tragic position. A lot of athletes would say that they do not 'suffer from' their impairment.
The disabled, the blind	Grouping disabled people by their disability in this way implies all disabled people in that group share the same characteristics, which stereotypes them
Abnormal, defective and deformed	These adjectives all have negative connotations in the English language and should not be used
Spastic, retard, handicap, invalid and cripple	These nouns all have negative connotations in the English language and should not be used
Normal	What is deemed normal is highly subjective. Using the word normal to draw a comparison between non-disabled and disabled people or between Olympians and Paralympians should be avoided. In a sporting context this is particularly unhelpful as the physiology of an elite sportsperson is unusual - would you describe Chris Hoy or Usain Bolt as "normal"?

Make sure that some words and phrases are totally avoided. In particular 'suffers from', 'sufferer', 'victim of' and 'normal' / 'abnormal' are still commonly used when they should not be.

BEHAVIOUR: Being with and around disabled people

Offer assistance, but remember it will not always be accepted: You should always ask if an individual would like assistance before rushing in and imposing yourself on them. Your help may not be required. However, don't feel awkward about offering to help, it is perfectly polite and acceptable to do so. Also, if your assistance is declined on one occasion, do not be offended or put off asking in the future.

Be direct: Always speak directly with the person rather than their companion, assistant or interpreter. Remember to use your usual manner and speak in your normal tone – a physically disabled person does not necessarily have a hearing impairment or learning disability so be aware that you could sound condescending.

Learning disability: If you are talking to someone with a learning disability, always use simple, plain language and give them time to answer your questions. Tell the person if you did quite not understand what was said and ask them to repeat what they have said, rather than letting them believe that you have understood them.

Wheelchair users: Be aware that a wheelchair is part of a person's personal space so do not lean on it or hold on to it unless of course offered permission to do so.

Behave naturally: For example, shake hands with a disabled person as you would any other person, even if they are wearing a prosthesis or have limited movement of their hand or arm. It is a universal sign of greeting.

Everyday phrases: There is no need to feel self-conscious about using everyday phrases. Some everyday phrases are perfectly acceptable; some people who use wheelchairs will state themselves 'I'm going for a walk'. It is also perfectly acceptable to say to a visually impaired person 'I will see you later'. Using common sense, everyday phrases of this kind are most unlikely to cause any offence.

If in doubt, ask. If you are unsure of what to do in a particular situation, ask.

Being with and around disabled athletes

There is no need to treat Paralympic athletes any differently than how you would treat any other elite athlete. For example, you need to remain mindful of their training commitments, the fact that they need to stay rested, hydrated and get enough food and recovery in order to train.

Some medical conditions mean that athletes tire more quickly than non-disabled athletes. This means that sometimes interview times are limited. We ask for your understanding in these circumstances.

To sum up

We feel that educating the general public about Paralympic athletes and the Paralympic Games is an integral part of our messaging around 2012 and we hope the media will help us in this challenging task.

ParalympicsGB's success in 2012 will be measured not just in gold medals and our final position on the medal table, but also by the effect that the Paralympic Games has on the general public and by the shift in perceptions of disability sport and disability that we can, and must, affect.

ANEXO B - Guia para a imprensa – Comitê Paralímpico Brasileiro.

DICAS

Para uma entrevista

- Não hesite em perguntar como o atleta adquiriu a deficiência, se foi por acidente ou se é genética.
- Caso o atleta seja cadeirante e a entrevista seja longa, procure um local onde possa sentar-se, para que fiquem à mesma altura.
- Quando apresentado a uma pessoa sem as mãos ou que não enxergue, o correto é oferecer a mão para o cumprimento. Sendo deficiente visual, vale estalar os dedos, para que o mesmo entenda que sua mão está estendida aguardando a dele.

Para abordar o paradesporto

- O Esporte Paralímpico é esporte de alto rendimento para pessoas com deficiência. Evite o uso de portador de necessidade especial.
- Atleta paralímpico é apenas aquele que disputou uma Paralimpíada. Quem não competiu nos Jogos pode ser chamado de atleta com deficiência ou simplesmente atleta.
- Não é o atleta que é adaptado, mas sim a modalidade. Sendo assim o mais correto é utilizar Paratatação, Para-Atletismo, Para-Tiro e assim por diante.
- O uso de para-atleta deve se restringir aos casos em que houver pouco espaço para explicar que o atleta é de determinada modalidade paralímpica.

ANEXO C - Atendimento às pessoas com deficiência – Treinamento sobre diversidade e acessibilidade.

Atendimento às pessoas com deficiência



Neste guia, será apresentado um conjunto de práticas e atitudes essenciais para que os Jogos Olímpicos Rio 2016 sejam memoráveis para todos. Afinal, não são apenas os Jogos Paralímpicos que praticam a inclusão de pessoas com deficiência e a preservação de seus direitos. Os Jogos Olímpicos também receberão espectadores com deficiência, e devemos oferecer a eles um ambiente inclusivo, contribuindo para o seu bem-estar e promovendo uma experiência única para todos.

Antes de tudo, lembre-se de que...

- Pessoas com deficiência são pessoas. A deficiência é apenas uma característica da condição humana
- Fingir que a deficiência não existe significa mascarar uma característica importante daquela pessoa. Por isso, não subestime as possibilidades nem superestime as dificuldades
- Todas as pessoas, com ou sem deficiência, devem ter sua autonomia respeitada
- Ter uma deficiência não faz com que uma pessoa seja melhor ou pior. Ela pode apresentar dificuldade em algumas atividades e habilidade em outras
- Se estiver em dúvida sobre como agir em relação a uma pessoa com deficiência, pergunte diretamente a ela
- Se você não se sentir seguro para atender a uma solicitação de uma pessoa com deficiência, indique alguém para ajudar
- Aja com naturalidade. Se surgir alguma situação inusitada, delicadeza, sinceridade e bom humor sempre ajudam



Pessoas cegas ou com deficiência visual

- Quando se relacionar com pessoas cegas ou com deficiência visual, identifique-se, faça-a perceber que você está falando com ela e ofereça auxílio. Se precisar guiá-la, coloque a mão dela em seu cotovelo dobrado ou em seu ombro. Lembre-se de avisá-la sobre possíveis obstáculos durante o trajeto

- Para ajudar a pessoa a se sentar, você deve guiá-la até a cadeira e colocar a mão dela sobre o encosto
- Ao explicar direções, seja o mais claro e específico possível
- Não é necessário falar alto. Use um tom de voz normal
- Ao responder a perguntas, evite fazê-lo com gestos, movimentos de cabeça ou apontando lugares
- Nunca distraia um cão-guia com afagos, alimentos etc., pois o animal precisa guiar seu dono, que não enxerga
- No convívio social ou profissional, não exclua as pessoas com deficiência visual de qualquer atividade. Deixe que elas decidam como podem ou querem participar
- Fique à vontade para usar palavras como "veja" e "olhe"
- Sempre que se afastar, avise a pessoa, pois ela pode não perceber a sua saída



Pessoas com deficiência física e motora

- Ao conversar com uma pessoa em cadeira de rodas, se possível, sente-se, para que ambos fiquem no mesmo nível
- A cadeira de rodas – assim como bengalas e muletas – é parte do espaço corporal da pessoa. Portanto, não se apoie na cadeira
- Nunca movimente a cadeira de rodas sem pedir permissão para a pessoa
- Conduza a pessoa em cadeira de rodas com cuidado e delicadeza, prestando atenção aos obstáculos e às pessoas que caminham ao redor
- Mantenha as muletas ou bengalas sempre próximo à pessoa com deficiência
- Fique à vontade para usar palavras como "andar" e "correr"



Pessoas com paralisia cerebral

- Paralisia cerebral e deficiência cognitiva ou intelectual não são a mesma coisa. A pessoa com paralisia cerebral tem uma lesão ocasionada antes, durante ou após o nascimento
- Pessoas com paralisia cerebral podem ter dificuldade para andar e podem fazer movimentos involuntários com pernas e braços. Se você tiver dificuldade de compreender o que a pessoa está dizendo, peça que repita
- Respeite o ritmo de fala das pessoas com paralisia cerebral e ouça-as com atenção, pois muitas têm dificuldade para se expressar verbalmente



Pessoas surdas ou com deficiência auditiva

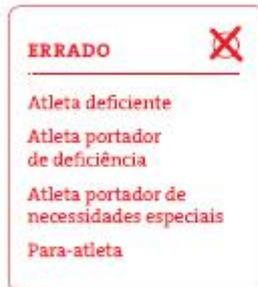
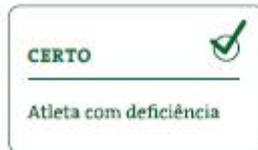
- Não é correto dizer que alguém é surdo-mudo. Muitas pessoas surdas não falam porque não aprenderam a falar e usam a leitura labial ou a Língua Brasileira de Sinais (Libras)
- Para falar com uma pessoa surda, acene para ela ou toque gentilmente em seu braço. Fale de maneira clara, pronunciando bem as palavras, mas sem exagero, de modo que a pessoa com deficiência auditiva possa realizar a leitura labial. Use um tom de voz normal, sem gritar
- Se tiver dificuldade para entendê-la, peça que repita. O importante é ter paciência e mostrar-se calmo
- Se souber alguma linguagem de sinais, tente usá-la
- Seja expressivo ao falar, com movimentos faciais e corporais
- Mantenha o contato visual durante a conversa
- Se necessário, comunique-se através de bilhetes
- Dirija-se à pessoa surda, não ao intérprete



Pessoas com deficiência intelectual

- Aja naturalmente e com gentileza, tratando a pessoa com respeito e consideração. Nunca a ignore
- Ajude a pessoa apenas quando necessário. Não subestime a inteligência dela
- Deficiência intelectual não deve ser confundida com doença mental. As pessoas com deficiência intelectual possuem déficit no desenvolvimento, enquanto a doença mental se refere a transtornos de ordem psicológica ou psiquiátrica

ANEXO D - Manual de Estilo Rio 2016.



2.12 TERMINOLOGIA PARALÍMPICA

O termo "Paralímpico", que usamos sempre em maiúsculas, deriva da combinação de "paralelo" com "Olímpico", já que os dois movimentos coexistem lado a lado. **Não use a forma antiga "Paraolímpico".**

A mudança na grafia do termo ocorreu em 2012, depois que o Comitê Paralímpico Internacional solicitou a atualização. O Brasil era, naquela altura, o único país lusófono a usar o termo Paraolímpico para indicar instituições, competições etc., enquanto internacionalmente os Jogos e o próprio IPC eram sempre mencionados como Paralympic Games e International Paralympic Committee. Não fazia sentido deixar de unificar a grafia. Como primeira medida, veio a mudança do nome do CPB, que passou a ser Comitê Paralímpico Brasileiro.

A partir desta alteração, o Rio 2016 adotou a forma atualizada do termo como regra, com uso padrão em todos os conteúdos produzidos pela instituição. **O termo "Olimpismo" está correto, mas "Paralimpismo" não existe.**

Use "atleta com deficiência" ou defina o tipo de deficiência, como, por exemplo, "atleta com deficiência visual". Jamais use "atleta deficiente" nem "atleta portador de deficiência" ou "atleta portador de necessidades especiais".

A referência aos participantes dos Jogos Paralímpicos pode ser feita de dois modos diferentes:

- > simplesmente **atletas**, quando o participante for estreante nos Jogos Paralímpicos
- > **atleta Paralímpico**, quando o participante já tiver competido em alguma edição dos Jogos Paralímpicos.

O termo "para-atletas" não deve ser usado.

Para não atletas, use a mesma lógica e aplique os termos "pessoa com deficiência" ou use a terminologia específica para definir o tipo de deficiência, como, por exemplo, "cego", "surdo" ou "paraplégico". Não use "surdo-mudo", nem deficiência mental. Neste último caso, o correto é dizer que a pessoa tem deficiência intelectual.

Jamais utilize termos como "normal" ou "sem deficiência" para diferenciar atletas Olímpicos de Paralímpicos. Use apenas "Olímpico".

Para consultar as classificações, acesse o link (em inglês): www.paralympic.org/Classification/Introduction.